

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES**

MARIA GABRIELY OLIVEIRA SILVA

**NOSSAS JORNADAS:
Experiências pessoais em narrativas de história em quadrinhos**

**Uberlândia | MG
2024**

MARIA GABRIELY OLIVEIRA SILVA

NOSSAS JORNADAS:

Experiências pessoais em narrativas de história em quadrinhos

Trabalho de conclusão de curso apresentado aos professores do curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a aquisição do diploma de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador:
Dr. João Henrique Lodi Agreli

Uberlândia | MG

2024

MARIA GABRIELY OLIVEIRA SILVA

NOSSAS JORNADAS:

Experiências pessoais em narrativas de história em quadrinhos

Trabalho de conclusão de curso apresentado aos professores do curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a aquisição do diploma de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador:
Dr. João Henrique Lodi Agreli

Uberlândia, 18 de Novembro de 2024.

Banca Examinadora:

Dr. João Henrique Lodi Agreli

Dr. Ronaldo Macedo Brandão

Dr. Marcel Alexandre Limp Esperante

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo a Deus por ter conseguido concluir este projeto final! Agradeço também à Universidade Federal de Uberlândia e ao Curso de Artes Visuais, que me acolheram e me capacitaram para que eu pudesse evoluir academicamente e artisticamente. Quero agradecer também à Empresa Júnior Olho de Peixe, onde passei grande parte da minha graduação, acompanhando o crescimento da empresa e das pessoas que fizeram parte dela. Vocês são muito especiais e fizeram parte da minha história.

Agradeço às pessoas que me ajudaram a concluir este trabalho de conclusão, ao meu orientador e professor Agreli, que teve paciência em lidar com minhas mudanças e me ajudou a chegar a uma conclusão final. Ao Matheus e ao Patrick, que foram quase meus editores finais do quadrinho, e às sete pessoas que dedicaram seu tempo para escrever parte de suas histórias: Any, Mariana, Joyce, Samyra, Viviane, Matheus e Beatriz. Vocês ajudaram a criar As Pequenitas; elas só são reais por causa de vocês.

Agradeço à minha família, que me deu todo o suporte necessário, à minha mãe, que cuidou dos afazeres de casa quando eu não tinha tempo, e à minha irmã, que teve que me ouvir repetir a história milhares de vezes. Aos meus amigos, que me suportaram em amor quando eu estava cansada demais.

A todos, o meu muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho de conclusão investiga como experiências pessoais podem servir como uma base sólida de inspiração para serem utilizadas em uma narrativa em quadrinhos. Inspirado em relatos verídicos de sete pessoas e em lendas regionais do Rio São Francisco, o projeto utiliza como principal estrutura narrativa o ciclo de transformação do herói, presente no livro *O Herói de Mil Faces* de Joseph Campbell. Para a realização do projeto, foram seguidas as seguintes etapas: em primeiro lugar, a coleta dos relatos; em segundo, o mapeamento dessas histórias, observando suas especificidades, como lugares, personagens e vínculos; em terceiro, a criação dos elementos que moldam a história, como personagens, localidades, lendas regionais e objetivos; em quarto, a montagem da estrutura da narrativa seguindo o ciclo do herói; e, por fim, a criação visual do quadrinho. Como resultado, foi criado um quadrinho fictício de 30 páginas coloridas com o título “Nanda e as Pequenas: As Lágrimas de Iati”.

Palavras chaves: Experiências pessoais. Ciclo do herói. História em quadrinho. Lendas regionais. Rio São Francisco.

ABSTRACT

This final work explores how personal experiences can provide a strong foundation for inspiration to be used in a comic narrative. Inspired by true stories from seven people and regional legends from the São Francisco River, the project is structured around the hero's transformation cycle as described in Joseph Campbell's book, "The Hero with a Thousand Faces". The project was executed through the following steps: first, collecting stories; second, mapping these stories while noting specific elements such as locations, characters, and connections; third, developing the various components that shape the narrative, including characters, settings, regional legends, and objectives; fourth, assembling the narrative structure according to the hero's cycle; and finally, creating the comic. As a result, a fictional comic book of 30 full-color pages was created with the title “Nanda and the Little Ones: The Tears of Iati”.

Keywords: Personal experiences. Hero's cycle. Comic book. Regional legends. São Francisco River.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Barrens.....	42
Figura 2: Bangor, Maine. Rumores colocam este como o local que inspirou It.....	42
Figura 3: O Bao ganha vida.....	43
Figura 4: Tabela de Personagens que aparecem nas entrevistas	48
Figura 5: Casa de Nanda	51
Figura 6: Rascunhos casa de Nanda	51
Figura 7: Casa da Avó de Terezinha.....	51
Figura 8: Rascunho casa.....	51
Figura 9: Cachoeira das Almas, Buritizeiro-MG	52
Figura 10: Cachoeira das Almas	52
Figura 11: Rascunho Cachoeira das Almas	52
Figura 12: Caverna de Iati.....	53
Figura 13: Rascunho Caverna de Iati.....	53
Figura 14: Rascunho	54
Figura 15: Personagens Principais.....	54
Figura 16: Rascunhos	54
Figura 17: Personalidade dos personagens das pequenitas.....	55
Figura 18: Personagens secundários.....	56
Figura 19: Rascunhos personagens secundários	56
Figura 20: Rascunho	58
Figura 21: Iati e seu noivo	58
Figura 22: Trio antagônico.....	58
Figura 23: representação do ciclo da separação-iniciação-retorno do herói	60
Figura 24: Descrição dos atos do roteiro.....	60
Figura 25: O chamado.....	61
Figura 26: A caverna de Iati	62
Figura 27: A Fuga.....	66
Figura 28: Características dos rostos.....	68
Figura 29: Personagens do anime The Promised Neverland	69
Figura 30: Capas dos volumes do mangá.....	69
Figura 31: Ilustração mostra a dinâmicas dos arquétipos	70
Figura 32: Ypê-amarelo.....	70
Figura 33: Laranjinha-do-campo	70
Figura 34: Quaresmeira	70

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	8
2.	QUADRINHO	10
3.	A VIDA COMO INSPIRAÇÃO.....	42
4.	HISTÓRIAS COLHIDAS E SUAS ESPECIFICIDADES	46
4.1.	Mapeando as histórias contadas	47
4.1.1.	Lugares	47
4.1.2.	Personagens.....	48
4.1.3.	Vínculos	49
5.	ASPECTOS QUE MOLDAM A NARRATIVA	50
5.1.	Localidades.....	50
5.2.	Personagens.....	53
5.2.1.	Personagens Principais e secundários.....	53
5.2.2.	A lenda de lati e a mulher cobra e os mineradores.....	57
5.3.	Objetivos.....	58
6.	SOBRE O ROTEIRO	59
6.1.	O Monomito e sua estrutura presentes no roteiro	59
6.2.	I ATO.....	61
6.2.1.	O chamado e a recusa do chamado	61
6.2.2.	A passagem pelo primeiro limiar	62
6.3.	II ATO.....	62
6.3.1.	O caminho das provas.....	63
6.3.1.1.	A procura da estátua de lati	63
6.3.1.2.	A perseguição.....	64
6.3.1.3.	O problema que precisa de uma solução.....	65
6.3.2.	A provação.....	66
6.4.	III ATO.....	66
6.4.1.	A fuga mágica da caverna	67
6.4.2.	O retorno e benção última	67
7.	REFERÊNCIAS VISUAIS	68
7.1.	Moodboard.....	68
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS.....	72
	APÊNDICE A – RELATOS	74
	APÊNDICE B – ROTEIRO.....	87

1. INTRODUÇÃO

Somos seres que crescemos por meio de experiências; elas nos movem e modulam quem somos. Quando aprendemos, passamos adiante, e são essas experiências pessoais que desempenham um papel fundamental na construção e compartilhamento de histórias, resgatando vivências, memórias, emoções, erros, acertos, medos, incertezas e saberes populares, demonstrando os desafios da infância até os momentos de glória da vida adulta. Essas experiências são passadas de geração em geração por meio da comunicação oral e escrita, moldando nossas perspectivas e influenciando as histórias que contamos, muitas vezes expressas por meio de narrativas. “Narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem”¹. Sendo assim, são primordiais para a fundamentação cultural e histórica, ditando comportamentos e comunicando um repertório de saberes que são disseminados por décadas.

Criar uma narrativa a partir dessas experiências é o que me levou a desenvolver este projeto, ser impactado ao ponto de querer passar adiante, percebendo que nossas experiências pessoais podem ser traduzidas em um conto heroico, sendo assim uma rica fonte de material para a criação de uma narrativa contendo os elementos necessários para a estrutura de uma boa jornada.

Ao narrar nossas experiências, colocamos um pouco de quem somos na história, e podemos ir além, alimentando essas narrativas com elementos do fantástico, tendo a oportunidade de escapar para lugares inexplorados, personagens sobrenaturais ou mundos inexistentes, podemos criar de formas infinitas, entrelaçando esses momentos inesquecíveis com atos heroicos, folclore e imaginação. Adaptamos nossa própria narrativa e construímos algo novo e próprio, oferecendo ao receptor uma perspectiva sobre o mundo que nos rodeia.

Para a minha argumentação, explorei como essas experiências pessoais de descoberta e transformação, que todos nós passamos, se convertem em uma criação narrativa imaginativa. Me inspirei em relatos verídicos das pessoas ao meu redor para serem fonte na construção da narrativa que traduzi no formato de história em quadrinho, contando essa história quadro a quadro. Ao final desse projeto, quero

¹ GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006, p.1

estabelecer a valorização de nossas experiências pessoais que geram material para uma reinterpretação visual.

Cheguei a esse objetivo primeiramente colhendo uma base de histórias de sete pessoas e observando entre esses relatos aspectos elementares como localidade, experiências, conflitos, resoluções e personagens. Além dessas referências trazidas das histórias vivenciadas pelos entrevistados, busquei introduzir elementos culturais regionais que evocam representatividade e localização para o enredo.

Com esse mapeamento formado e usando-o como inspiração para a criação do enredo, escrevi a narrativa baseada no estudo do Monomito introduzida pelo autor Joseph Campbell em seu livro *O Herói de Mil Faces*², estabelecendo três atos para o roteiro, seguindo o ciclo de transformação do herói.

Sobre a reprodução visual do roteiro, optei pela criação de uma história em quadrinhos, baseada nas minhas experiências com as aulas de quadrinhos que tive durante minha formação e na minha cultura de leitura de mangás, que influenciou boa parte das minhas escolhas por desenho e ilustração.

O resultado com todo o material coletado e desenvolvido, criei uma história em quadrinhos de trinta páginas coloridas, intitulada Nanda e as Pequenas: As lágrimas de Iati. Este quadrinho é uma aventura fictícia que gira em torno da cidade de Buritizeiro-MG, onde o Rio São Francisco está em seca, e Nanda e suas amigas descobrem uma maneira de salvar o rio e conseqüentemente a cidade. A história tem como foco principal a superação do trauma de Nanda e a importância da amizade.

² CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

2. QUADRINHO

O quadrinho possui trinta páginas e tem como padrão o formato A4. Foi feito inteiramente de forma digital, utilizando três softwares para sua produção: o Procreate para os rascunhos iniciais; o Clip Studio para diagramação de quadros, lineart e colorização; e o Photoshop para textos e diagramação final.

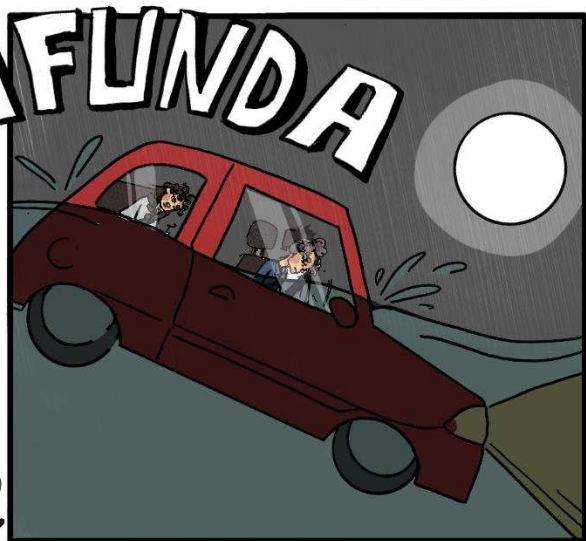
A história é uma aventura às margens do Rio São Francisco e acompanha Nanda, uma criança que, após um acidente de carro em que quase se afogou no rio, se vê traumatizada. Com o passar do tempo, o trauma persiste, até que suas amigas Terezinha, Duda e Lara aparecem com uma proposta para uma nova aventura das Pequenitas, na qual, unidas, poderiam salvar a cidade, que enfrentava um longo período de seca.

Inicialmente, Nanda rejeita a proposta, mas logo é convencida por um sonho em que recebe um pedido de ajuda. Então, ela parte para uma aventura com suas amigas, sem esperar que, além de enfrentar seu trauma, também teria que superar obstáculos inesperados em seu caminho para salvar a cidade da grande estiagem.



NANDA E AS PEQUENITAS

- AS LÁGRIMAS DE IATI -





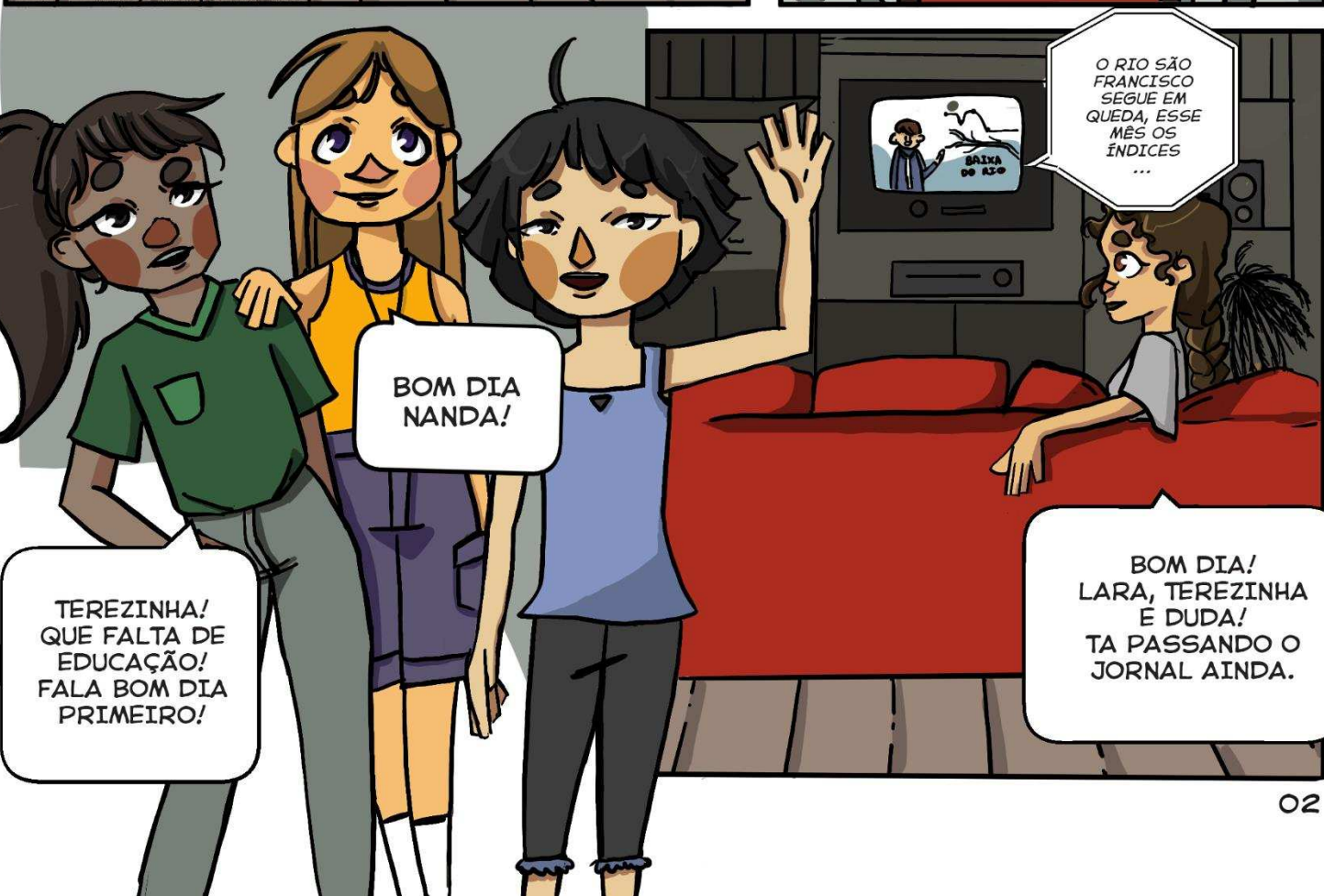
QUARTO DE NANDA.



HOJE
TIVEMOS
...



CHEGAAAMOS!
JÁ COMEÇOU O
DESENHO?



TEREZINHA!
QUE FALTA DE
EDUCAÇÃO!
FALA BOM DIA
PRIMEIRO!

BOM DIA
NANDA!

O RIO SÃO
FRANCISCO
SEGUE EM
QUEDA, ESSE
MÊS OS
ÍNDICES
...

BOM DIA!
LARA, TEREZINHA
E DUDA!
TA PASSANDO O
JORNAL AINDA.



MENINAS DESCOBRI
ALGO QUE VOCÊS
VÃO FICAR
DOIDINHAS,
UM LUGAR ONDE
A GENTE PODE
INVESTIGAR!

MINHA "VOVÓZITA"
ME CONTOU SOBRE
O MITO DO SÃO
FRANCISCO!



ELA DISSE QUE
HÁ UM TEMPO
DISTANTE
EXISTIA UM
CASAL INDÍGENA
QUE SE AMAVA

IATI ERA NOIVA DE UM
FORTE GUERREIRO!



UM DIA ELE TEVE QUE IR
PARA A GUERRA



MINHA "VOVÓZITA"
DISSE QUE TINHA
UM LIVRO DE FAMÍLIA
QUE FALAVA MAIS DA
HISTÓRIA

A GENTE
PODIA IR LÁ
NA CASA DELA
PRA PEGAR
ELE!

IATI DESOLADA SE
ROMPEU EM LÁGRIMAS



DIZEM QUE O RIO FOI
FORMADO A PARTIR DE
SUAS LÁGRIMAS E QUE ELA
PERMANECE LÁ ATÉ OS DIAS
DE HOJE DERRAMANDO AS
SUAS LÁGRIMAS

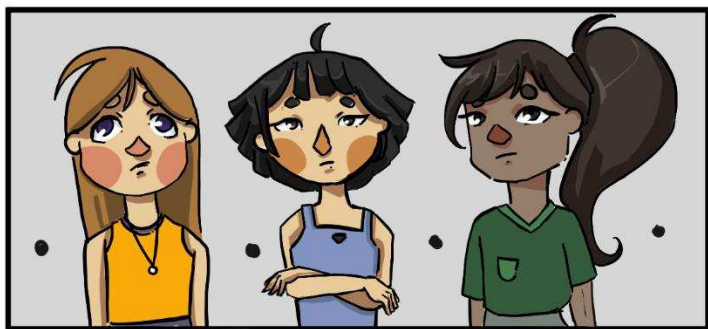


IA SER
MUITO LEGAL!
PODEMOS IR!



EU ACHO QUE
NÃO CONSIGO
DESSA VEZ

A CASA DA SUA
AVÓ FICA DO
OUTRO LADO
DO RIO
...

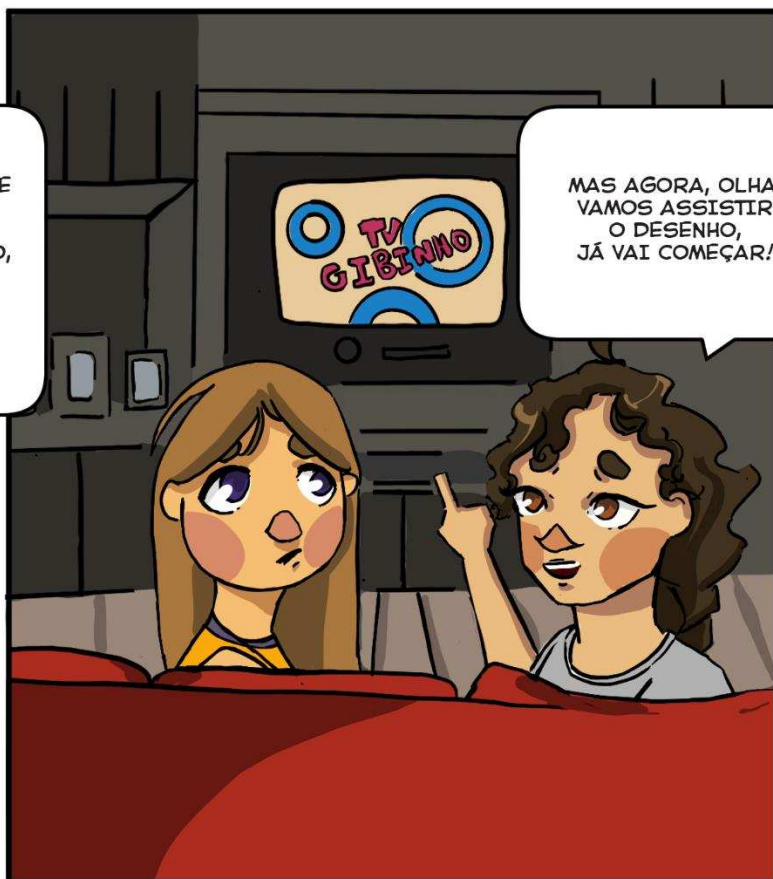


EU TAMBÉM
JÁ PASSEI
POR ISSO

SE
LEMBRA?



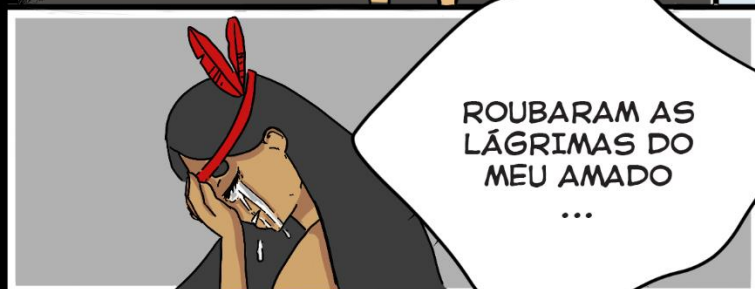
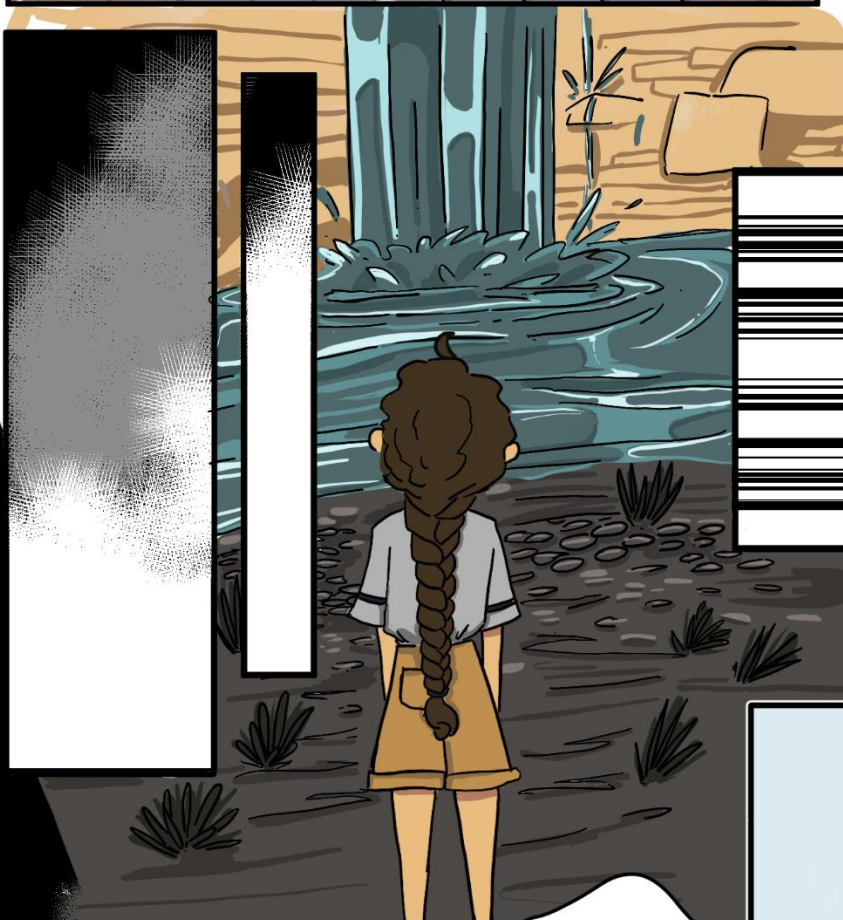
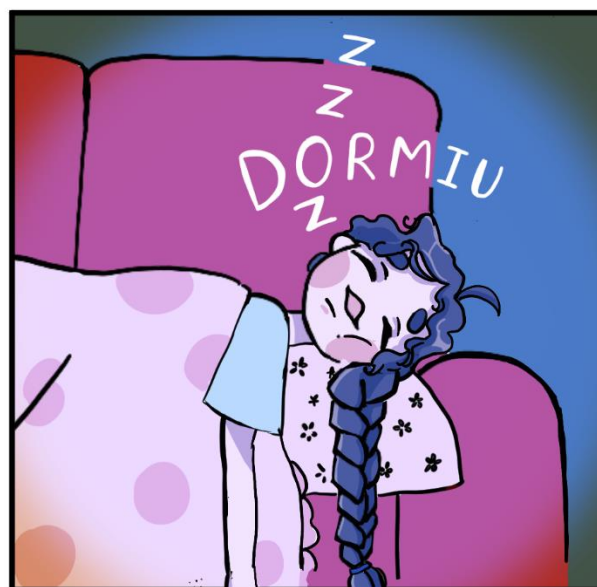
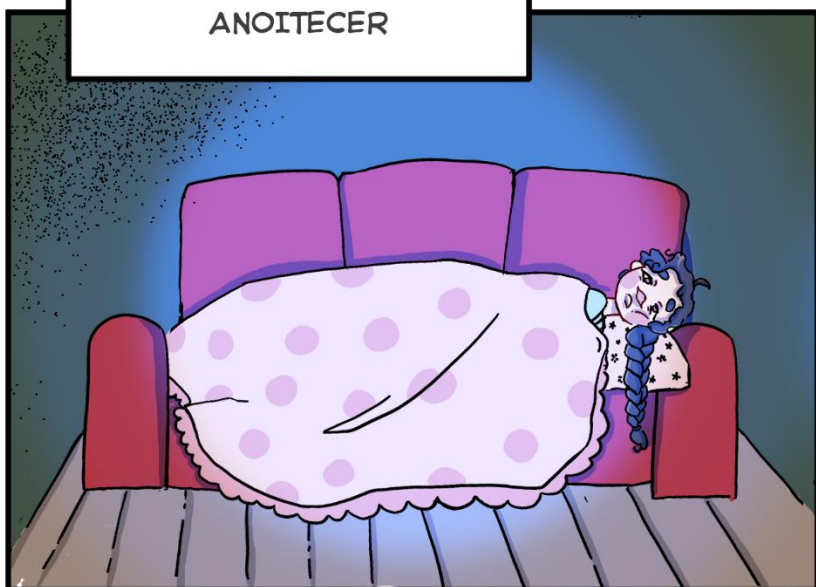
PROMETO QUE A GENTE
NÃO VAI ENTRAR EM
ÁGUA NENHUMA!
EU NEM POSSO MESMO,
NÃO CONSIGO
NADAR DIREITO
COM ESSA PERNA



MAS AGORA, OLHA,
VAMOS ASSISTIR
O DESENHO,
JÁ VAI COMEÇAR!

VOU PENSAR LARA!
É DIFÍCIL PRA MIM
DEPOIS DO
ACIDENTE NO RIO.

ANOITECER







VAMOS PRA CASA DO
TIO JOÃO ELE VAI
LEVAR A GENTE NA
CASA DA
VOVÓZITA



O RIO ESTÁ
CADA VEZ MAIS
SECO...



BOM DIA
PRO CÊS!

BOM DIA!
TIO JOÃO
QUEREMOS
ATRAVERSSAR
PARA A CASA
DA VOVÓZITA!

O SENHOR
LEVA A
GENTE?



LEVO SIM
FILHA!



OBSERVA



VAMOS JUNTAS,
NANDA.
PROMETO QUE
VAI DAR TUDO
CERTO.

CONFIA

CASA DA VOVÓZITA.



OI VOVÔ, BENÇA!
ONDE TÁ A
VOVÓZITA?

BENÇA MINHA
FILHA!
SUA AVÓ TÁ LÁ
DENTRO

BENÇA
VOVÓZITA!

BENÇA
MINHA
FILHA!

OLHA SÓ
NANDA VOCÊ
VEIO TAMBÉM,
QUE BOM VER
VOCÊ!



VÔ, LEMBRA
DAQUELE
LIVRO QUE
VOCÊ TINHA ME
FALADO

A GENTE TAVA
QUERENDO
VER ELE



AH, SIM,
MINHA FILHA,
EU O ACHEI!





AQUI ESTÁ A
CACHOEIRA DAS
ALMAS.
MINHA AVÓ DIZIA
QUE A ESTATUA
ESTAVA POR LÁ



VOVÓZITA VOCÊ
ME EMPRESTA
O LIVRO,
A GENTE VAI LER
ELE LÁ FORA.

PODE LEVAR,
TOMA CUIDADO
PRA NÃO
RASGAR!



EU SEI ONDE
É ESSA
CACHOEIRA!
É BEM AQUI
PERTO, PODEMOS
IR DE BOA



A TRILHA
COMEÇA
AQUI

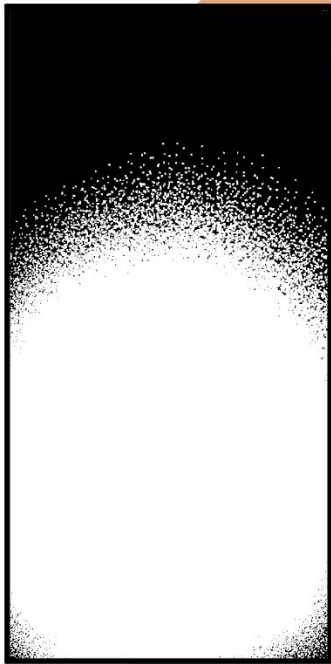
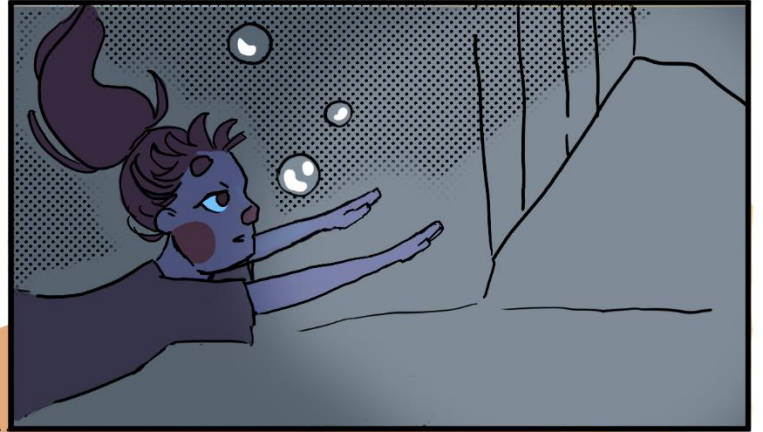
A GENTE
CONSEGUE
CHEGAR NA
CACHOEIRA DAS
ALMAS POR ELA

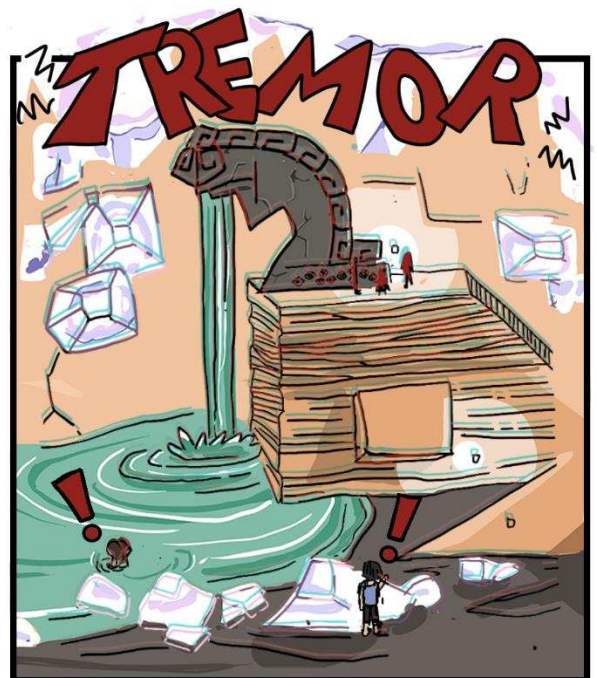
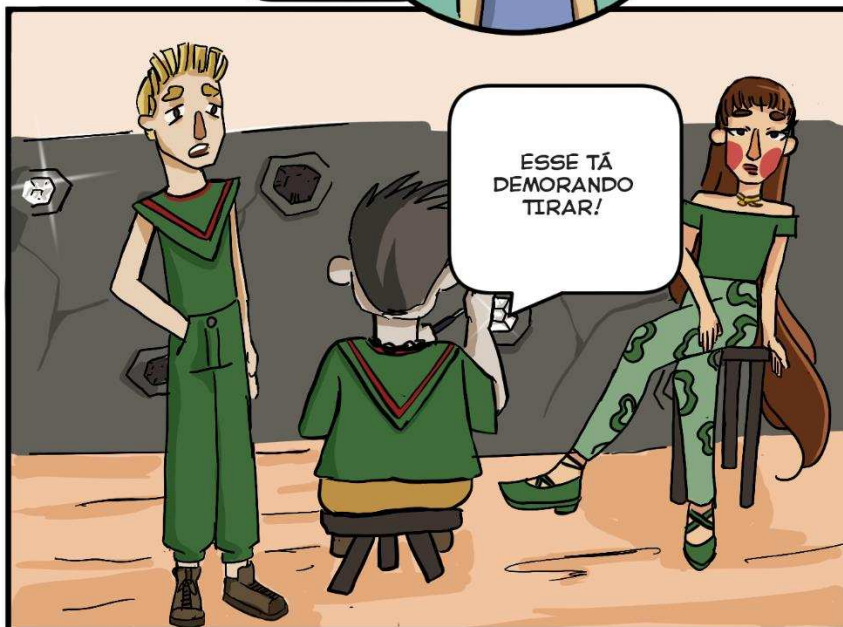
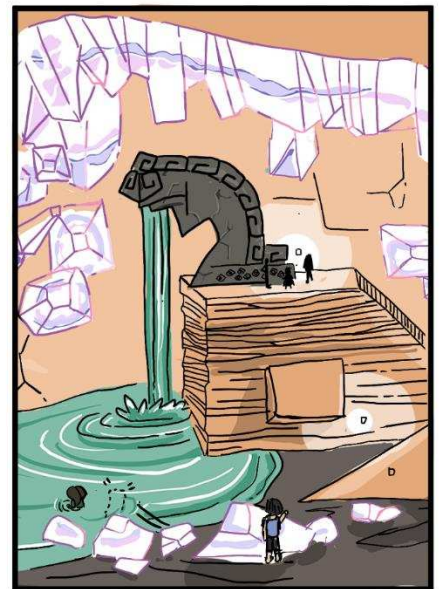
TEMOS QUE NOS
MANTER JUNTAS
NA TRILHA!















JÁ ESTÁ NA
HORA, EM!



AAAAAAAAAAAAHHHHHHH!



QUEM
ESSSTÁ
AÍ?



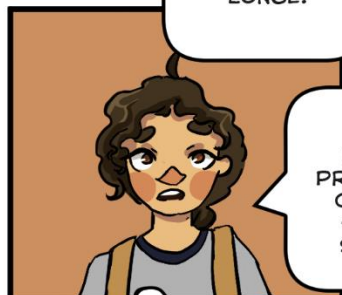
PROCURANDO

PROCURANDO



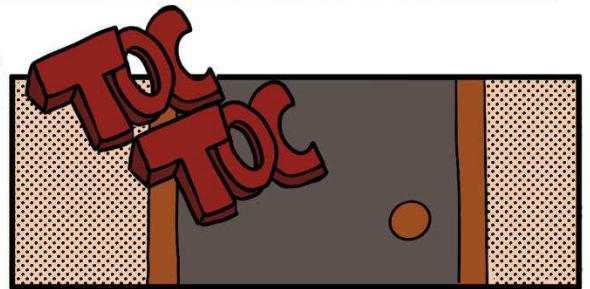


É A NOSSA
CHANCE!
ELA ESTÁ
LONGE.



VAMOS,
RÁPIDO!
PRECISAMOS
CHEGAR À
CASA DA
SUA AVÓ!







NO OUTRO DIA.





ESTÁ
VAZIO!

VAMOS
RÁPIDO!
PRECISAMOS
ACHAR ALGUM
LUGAR PARA
COLOCAR O
SONÍFERO



AQUI É UM
ÓTIMO LUGAR!
VAMOS
COLOCAR
O CHÁ AQUI
DENTRO



AGORA
É SÓ
ESPERAR!



ESSE
DIAMANTE
DE AGORA
FOI BEM
GRANDE!

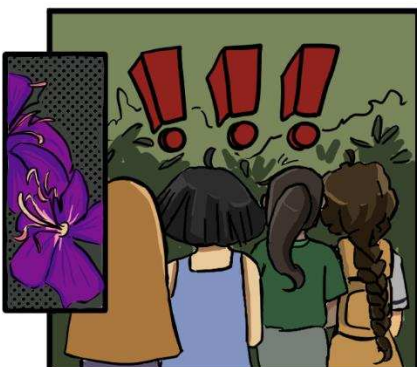


VOCÊ
GUARDOU O
DIAMANTE
NA BOLSA?

GUARDEI
SIM!
TÁ LÁ
DENTRO!



Bebe



FINALMENTE
ESTOU CONSEGUINDO
LÁGRIMAS
SUFICIENTES
PARA UMA VIDA
DURADOURA

NEM SEI
COMO ISSO
FUNCIONA
PRA VOCÊ

SÓ SEI
QUE VAMOS
FICAR
MUITO
RICOS!

BATEU UM
SONINHO
AQUI TAMBÉM
ACHO QUE
VOU COCHILAR
UM POUCO

MENINOS
IREI
DORMIR,
SONO DE
BELEZA

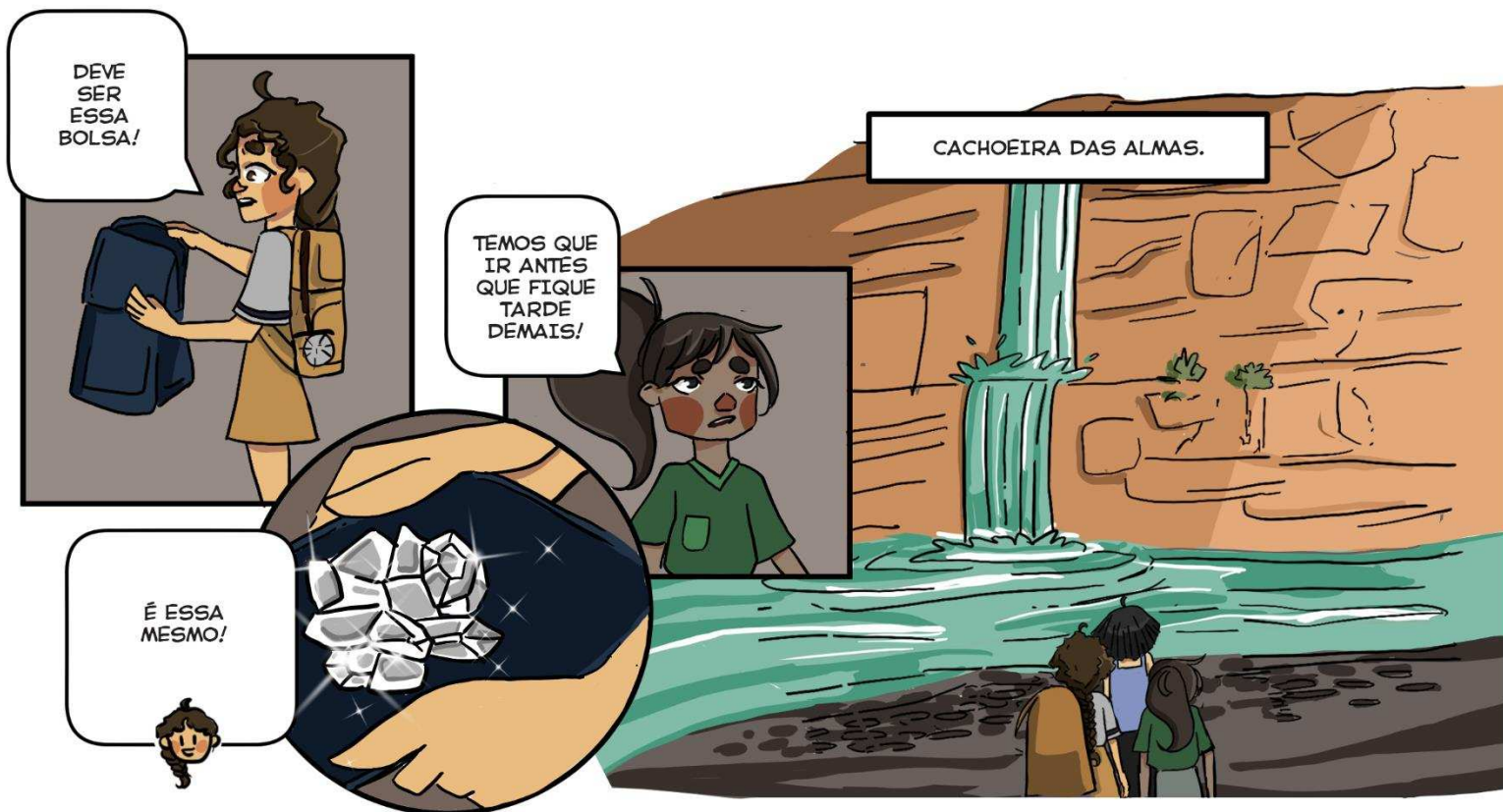
TODOS
DORMIRAM,
É A
NOSSA
HORA!

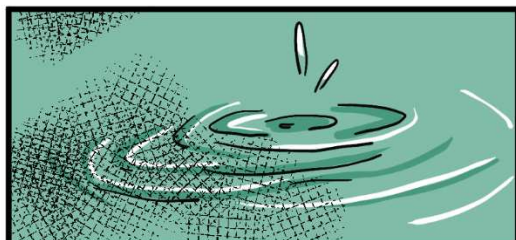
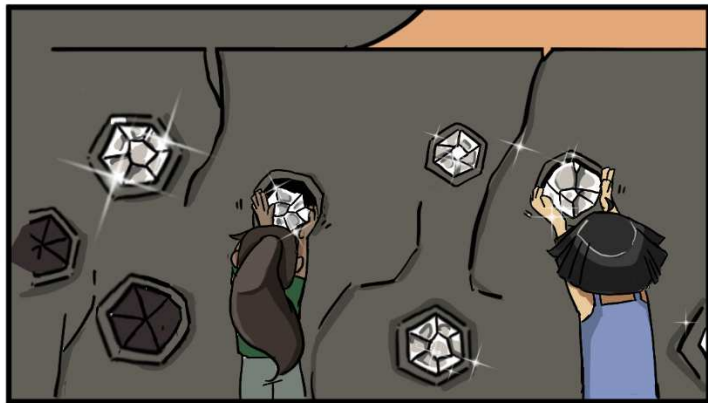
VAMOS
VERIFICAR
PRIMEIRO
SE ELES
ESTÃO
DORMINDO

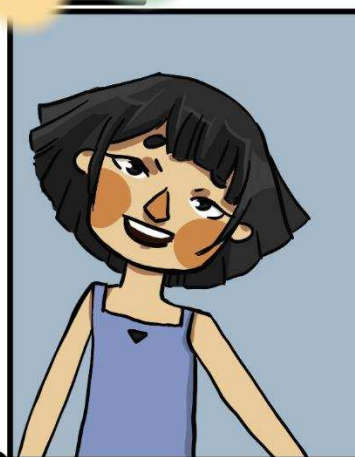
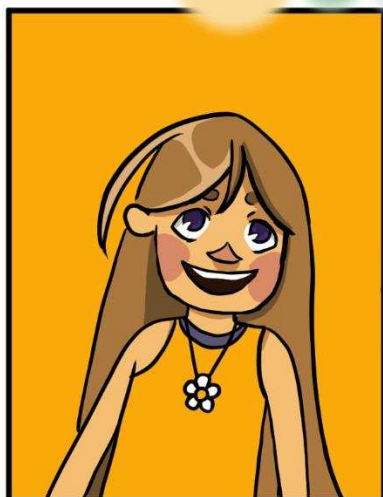
ELE NEM
SE MEXEU!

VAMOS
AMARRAR
ELES, SÓ
PARA
GARANTIR

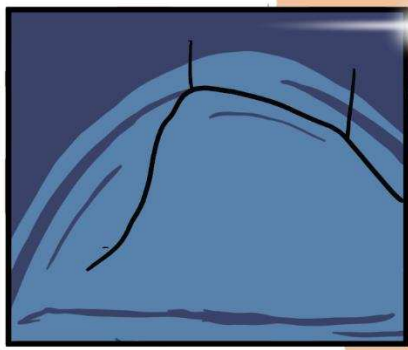
amarrados







EU PRECISO
FAZER ISSO!
EU CONSIGO!



UAAA
AUUU!



ELAS ESTÃO
LÁ EM CIMA!
PRECISO SUBIR.



O QUE
SERÁ QUE
ACONTECEU?



EU NÃO SEI,
MAS PRA NANDA
TER ENTRADO
NO RIO

COISA BOA
NÃO É

A COBRA
ACORDOU!



ACHO QUE
ELA ESTÁ
VINDO
PARA CÁ!



O QUE
FOI
ISSO
?!



A CAVERNA
TREME QUANDO
COLOCAMOS
O DIAMANTE
MUITO RÁPIDO

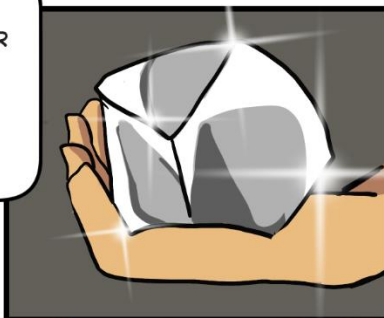


É ISSO,
TIVE
UMA
IDEIA!





VAMOS COLOCAR
OS ÚLTIMOS
DIAMANTES O
MAIS RÁPIDO
POSSÍVEL



VAMOS COLOCAR
QUANDO A COBRA
ESTIVER SUBINDO,
DEPOIS VAMOS
PULAR DAQUI DE
CIMA NA ÁGUA



VOCÊ TA DOIDA
NANDA,
ISSO VAI FAZER
COM QUE A
CAVERNA DESABE!



ESSE É O PLANO,
POR ISSO VAMOS
PULAR DAQUI DE
CIMA! VAMOS GANHAR
TEMPO SUFICIENTE
PARA ESCAPAR ANTES
QUE DESABE TUDO!



É UMA IDEIA
MEIO LOUCA

MAS SE ESSA
É SUA IDEIA,
EU CONFIO
EM VOCÊ!



SE PREPAREM!



HÃ! ACHEI
VOCÊSSS
PESTINHAS!

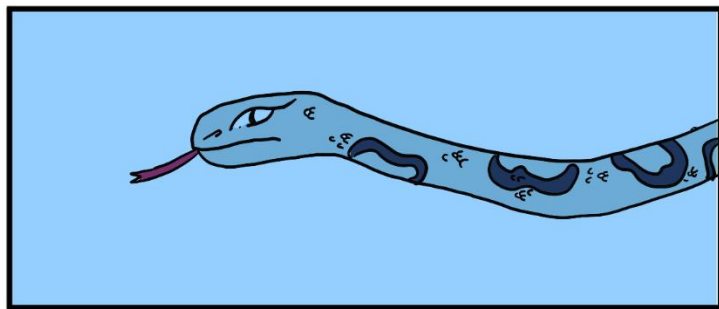
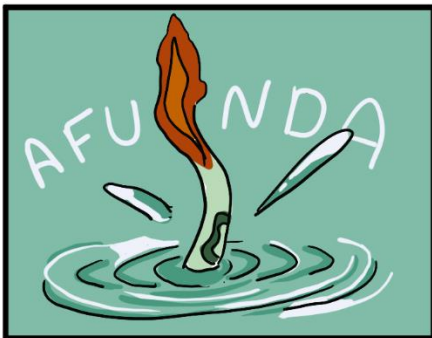
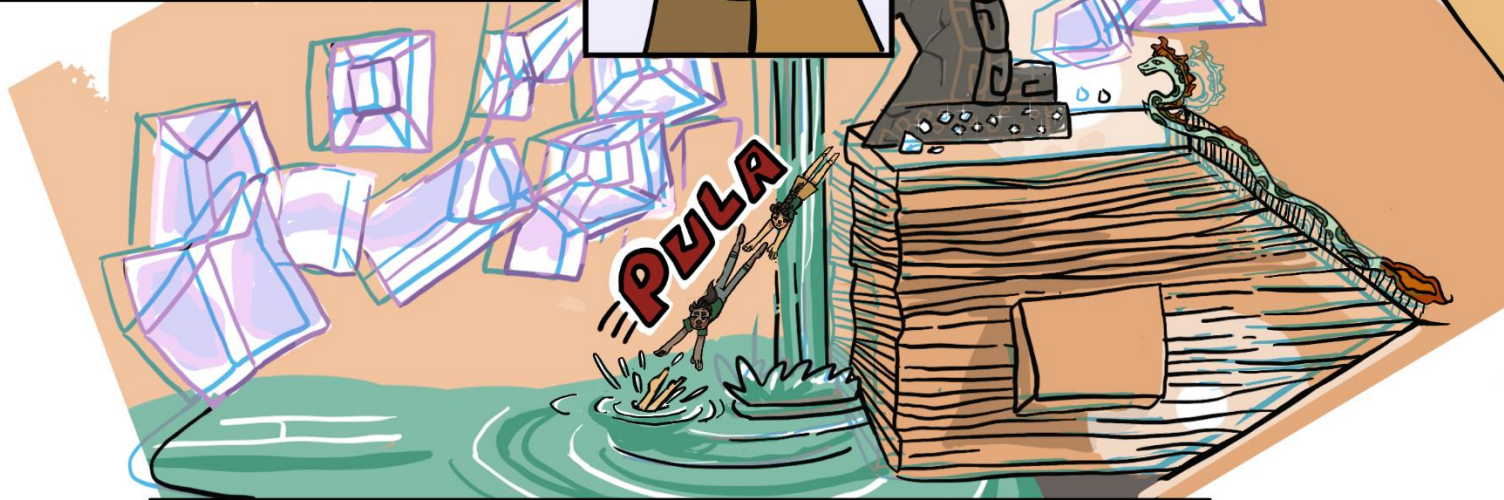


VOU DEVORAR
TODAS
DEVAGAR!
NÃO HÁ MAIS
ESSSCAPATÓRIA!

NO TRÊS
MENINAS!
1...
2...

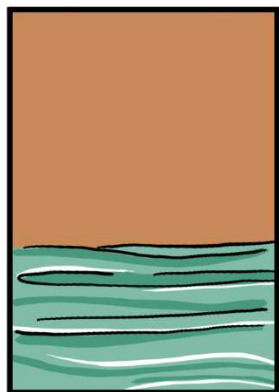


...3
AGORA
!



CLAT
CLAT





FELIZ



LARA SUA
PERNA!
A COBRA
PODE ESTAR
VIVA AINDA!



AS PEDRAS
CAÍRAM EM
CIMA DA
COBRA



EU VI!



DEM CÃ,
EU TE AJUDO!



VAMOS PRA
CASA DA
VOVÓZITA!

ONDE VOCÊS
ESTAVAM?

CES QUÊ ME
MATAR DE
CORÇÃO!
SÓ PODE!





SALVAMOS O
RIO SÃO
FRANCISCO,
VOVÓZITA!



AI, MENINA,
DEIXA
DE GRAÇA

TÁ NA SUA
HORA DE
DORMIR, VAMO
TUDO PRA
CAMA! JÁ TÁ
TARDE!



PELA MANHÃ.



ESSE
PÃO DE
QUEIJO
TÁS BOM
DEMAIS!

APROVEITA
QUE TÁ
QUENTINHO



AGORA UMA
GRANDE
NOTÍCIA! HOVE
UM AUMENTO NO
NÍVEL DE ÁGUA
NO RIO SÃO
FRANCISCO
...

AUMENTO
DO NÍVEL
DO RIO



VOVÓZITA,
OLHA SÓ!
VIU É VERDADE
EU TE
DISSE QUE
SALVAMOS
O RIO!



AH,
PARA DE
GRAÇA
MENINA!



FIM

3. A VIDA COMO INSPIRAÇÃO

Ao ler o livro *Sobre a Escrita: A Arte em Memórias*³, do escritor norte-americano Stephen King, percebi como uma simples caminhada no parque ou a convivência com pessoas diferentes pode ser material para a criação de narrativas, não somente histórias reais, mas também fictícias.

No livro, ele expõe sua vida e demonstra como explorava, por meio de suas próprias experiências, elementos que traziam inspiração para suas obras. Um exemplo disso é quando ele descreve uma rua com um grande terreno onde brincava na infância com seu irmão, a qual apelidaram de “selva”. Esse lugar foi transcrito em seus livros como o local onde as crianças do livro “*IT – A Coisa*” apelidaram de Barrens (King, 2000).

Figura 1: Barrens



Fonte: Filme *It – A coisa* de 2017

Figura 2: Bangor, Maine.
Rumores colocam este
como o local que inspirou *It*



Fonte: Foto por Blaine Puckett (2006)

Escrever histórias a partir desse ponto de vista, usando como fonte criadora as nossas experiências, facilita a criação da estrutura da narrativa. Além disso, por serem experiências reais, tornam mais verossímeis, aproximando o leitor e tornando a leitura mais empática.

Na maioria das vezes, os leitores não são atraídos pelos méritos literários de um romance; eles querem uma boa história para levar consigo no avião... Isso acontece, acredito, quando eles reconhecem as pessoas que estão no livro, seus comportamentos, seu ambiente, seu jeito de falar. Quando identifica fortes ecos de sua vida e de suas crenças, o leitor fica propenso a se deixar envolver pela história. (KING, 2000)

³ KING, Stephen. **Sobre a escrita: A arte em memórias**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.

Revelar as crenças e comportamentos de suas experiências foi o que levou à criação do curta de animação *Bao*⁴, escrito e dirigido por Domee Shi. Sino-canadense, ela mudou-se para o Canadá na infância. Em 2011, entrou para o estúdio Pixar, onde trabalhou em animações como *Toy Story 4*, *Os Incríveis 2* e *Divertidamente*⁵.

Em seu primeiro curta, *Bao*, Domee Shi conecta os laços maternos com os aspectos da cultura chinesa por meio da culinária. No curta, uma senhora sino-canadense se vê sozinha, pois seu marido está sempre ocupado com o trabalho. Enquanto prepara um bolinho cozido a vapor, chamado *bao*, ela se surpreende quando um deles ganha vida.

Figura 3: O Bao ganha vida



Fonte: Curta de animação *Bao* (2018)

Ela então passa a cuidar desse *bao*, mas, por ser muito protetora, o mantém afastado de toda interação com outras crianças, com medo de que ele a abandone. O tempo passa, ele cresce e se torna mais independente. Um dia, quando decide sair com os novos amigos, a mãe, num instinto protetor, acaba comendo o bolinho.

⁴ BAO. Direção: Domee Shi. Produção: Pixar, 2018. 8 min.

⁵ YAN, Sophia. *Bringing a dumpling to life: Q&A with Domee Shi, Pixar director of 'Bao'*. SupChina, 17 jul. 2018. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200819164039/https://supchina.com/2018/07/17/qa-with-domee-shi-pixar-director-of-bao/>. Acesso em: 29 out. 2024.

Arrependida pelo ocorrido, ela se deita e chora. Nesse momento, é revelado que, na verdade, Bao é uma pessoa real, seu próprio filho. Ele entra no quarto e se reconcilia com a mãe. O curta termina com os dois juntos, comendo bolinhos, demonstrando a aceitação da mãe pela passagem do filho para a vida adulta.

Em uma entrevista Domee Shi revela como a super proteção da sua mãe presente em sua vida foi inspiração para criação de “*Bao*”:

Comecei a pensar sobre minha própria vida enquanto crescia — como filha única, sempre me senti como um bolinho superprotegido e acariciado pela minha mãe chinesa. E eu realmente queria contar uma história que explorasse o relacionamento com uma mãe superprotetora aprendendo a deixar seu filho de lado, usando esse bolinho, esse *bao* como uma metáfora. (SHI,2018)⁶

Essa representação da superproteção materna que Domee Shi manifestou em seu curta e as obras de Stephen King, que transformam suas vivências em contos e seus medos em monstros, se conectam com o desejo inconsciente e sua manifestação por meio da criação artística, como sugere Freud em seu texto de 1908, *O Poeta e o Fantasiar*⁷.

Freud argumenta que quando crianças, expandimos nossos desejos no ato de brincar, criando um mundo irreal que se distingue da realidade externa, onde tudo é possível. Ao crescermos, o ato de brincar se perde, dando lugar à fantasia. Essas fantasias ocorrem internamente, por meio do sonho diurno (devaneio) e do sonho noturno; elas são uma forma inconsciente de realizarmos desejos reprimidos.

Na criação literária, essa realização do desejo, antes alcançada pelo brincar, é canalizada para a criação artística, revelando o desejo antes interno para o público/coletivo e transformando a realidade por meio da fantasia, tornando algo antes impossível na realidade externa possível em suas obras, ao realizar esses desejos nos personagens.

O brincar, o fantasiar e a criação artística nos permitem inventar um novo mundo. Quando desejamos algo que não conseguimos na realidade, nosso escape é essa nova criação, onde o que é real não interfere. Ela é moldada por nossos próprios

⁶ YAN, Sophia. *Bringing a dumpling to life: Q&A with Domee Shi, Pixar director of ‘Bao’*. SupChina, 17 jul. 2018. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200819164039/https://supchina.com/2018/07/17/qa-with-domee-shi-pixar-director-of-bao/>. Acesso em: 29 out. 2024.

⁷ FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 50-62.

desejos, corrigindo uma realidade insatisfatória. Essa realização dos desejos trazida pelo autor permite ao leitor acessar seus próprios desejos inconscientes, realizando em si mesmo o ato de fantasiar.

4. HISTÓRIAS COLHIDAS E SUAS ESPECIFICIDADES

A coleta de experiências reais tinha como intenção reunir várias histórias verdadeiras em uma narrativa fictícia sob minha influência. Esses dados colhidos me ajudaram a estabelecer o lugar, o tempo e os personagens da história.

Com o intuito de captar os momentos mais inusitados das pessoas, concentrei as perguntas no período da infância. Assim como dito anteriormente acredito que as crianças, no ato de brincar, conseguem escapar da realidade e criar seu próprio mundo. Esse impulso impetuoso de explorar o novo rende boas histórias e experiências, que só são possíveis quando estamos nesse universo infantil.

As respostas foram coletadas por meio virtual, e não era obrigatório responder todas as perguntas. O formulário foi composto por três perguntas principais e suas perguntas adjacentes, que tinham como objetivo ajudar o entrevistado a fornecer uma resposta final mais descritiva. Era necessário responder pelo menos uma das perguntas principais para que a resposta fosse considerada. As perguntas foram as seguintes:

1. **Você tem alguma experiência de superação na infância que marcou a sua vida?** Quais foram os desafios vividos? O que foi diferente do comum? Você teve alguém que te ajudava ou acompanhava? Você conquistou algo durante esse processo?
2. **Você tem alguma experiência de algo que você naturalmente não faria hoje em dia, mas naquela ocasião você saiu da sua zona de conforto?** Quais foram os desafios vividos? O que foi diferente do comum? Você teve alguém que te ajudava ou acompanhava? Você conquistou algo durante esse processo?
3. **Você já enfrentou algo que você realmente ficou admirado(a) pela sua coragem?** Quais foram os desafios vividos? O que foi diferente do comum? Você teve alguém que te ajudava ou acompanhava? Você conquistou algo durante esse processo?

Das dez pessoas para as quais enviei o formulário, recebi resposta de sete, que compartilharam algumas de suas experiências. No mapeamento desses relatos me atentei para os personagens, lugares, cultura familiar e detalhes específicos.

4.1. Mapeando as histórias contadas

No mapeamento busquei destrinchar as histórias narradas, observando os detalhes passados por cada pessoa, mapeando-as em 3 especificidades:

1. **Lugares:** Onde as histórias de cada um se passam.
2. **Personagens:** Traçando as personalidades diversas das pessoas citadas.
3. **Vínculos:** Contando a importância da família e dos amigos expressadas nas histórias.

Essas características impulsionaram a criação da narrativa, dando camadas aos personagens e a ambientação geral da história.

4.1.1. Lugares

Os ambientes presentes nas histórias estão, em sua maioria, localizados em lugares familiares. Cinco dos entrevistados mencionaram a casa da avó, a casa dos pais ou a rua de casa, tornando esses espaços comuns. É natural, pois grande parte da infância é passada dentro de casa, e é nos arredores que vivenciamos nossas aventuras.

Como em um relato rápido, onde uma corrida de bicicleta em direção a uma rampa determina quem vai chegar primeiro à casa da avó; ou em uma narrativa onde subir na árvore de seriguela se torna o desafio das crianças; em outra descrição, a bicicleta aparece novamente, agora na rua em frente à casa dos avós, onde o desafio é aprender a andar de bicicleta; outra história se passa novamente na casa da avó, só que no quintal; em um relato mais dramático, a casa dos pais se transforma em um refúgio para recuperação após um acidente.

Além da casa, outro lugar comum é a própria cidade natal, sugerida nas histórias por meio de aventuras ou de um dia de passeio. Em um relato, o passeio na praia resultou em grandes momentos inesquecíveis; já em outra história, o marco principal é o córrego próximo à casa, rodeado de matagal; um passeio com as tias na cachoeira e no rio marcou outra entrevistada.

Esses são os lugares mencionados nas entrevistas, e fiquei satisfeita com a variedade de locais e com as experiências únicas de cada pessoa em cada ambiente.

4.1.2. Personagens

Além dos próprios narradores das histórias, há uma série de outros personagens em cada relato. Eu os mapeei com base nos adjetivos que observei em cada um, conforme a tabela a seguir:

Figura 4: Tabela de Personagens que aparecem nas entrevistas

Entrevistado(a)	Personalidade do entrevistado(a)	Personagens relatados	Adjetivos dos personagens descritos
Viviane	ardilosa, competitiva	Katia (Irmã)	líder, segura, autoridade
		Sheila (prima)	competitiva, mimada, confiante
		William (primo)	avoadado, inocência, perdido
		Safira (babá)	corajosa, preocupada, distraída
Alessandra	inocente, doce e apegada	Vó	familiar, parceira, avoadada
Mariana	inteligente, apegada, corajosa	Família	despercebidos, corajosos
		Prima	corajosa, habilidosa
		Vó	querida
		Homens estranhos	estranheza, perigo, mistério
Samyra	resiliente, entusiasmada, corajosa	Pais	Responsáveis, cuidadosos, amáveis
		Irmão	companheiro, complacente
		Amiga	entusiasta, amigável
		Insetos	terror, nojo,
Matheus	bravura, galanteador, choroso	Avô Magno	professor, preocupado
		Avó	afeto
Joyce	Destreza, aventureira, companheirismo	Gaby(irmã)	destreza, aventureira
		Joycinha	desconfiada, destreza, aventureira
		Kel	experiente, corajosa, aventureira
Any	competitividade, companheirismo, apego	Primos	competitividade, habilidosos, corajosos
		Vó	segurança, confortável, familiar

Fonte: Autoria própria

Esse quadro foi essencial para a criação das características principais e secundárias dos personagens.

4.1.3. Vínculos

Os vínculos nas entrevistas revelam o perfil social do entrevistado, mostrando como cada interação com outra pessoa se torna um convite para a experiência.

Quando se trata dos avós ou pais, esses laços assumem uma forma confortável; é perceptível que o contato com eles remete a um lugar de respeito e amor, compartilhado nas entrevistas no brincar de boneca com a avó; no desejo de estar na casa da vovózita; no carinho e proteção dos pais; e na vontade de ensinar.

Já com pessoas da mesma faixa etária, nota-se um vínculo mais próximo de companheirismo e competição. Quando estão entre amigos, são cúmplices um do outro, seja assistindo a seus programas favoritos na TV ou explorando o matagal em busca de uma aventura.

Os vínculos estabelecidos nas histórias narradas foram fundamentais para estabelecer os mesmos vínculos no roteiro final, tentando entregar o mesmo lar confortável dos avós, o cuidado da mãe, e o companheirismo dos amigos.

5. ASPECTOS QUE MOLDAM A NARRATIVA

Enquanto lia os relatos, percebi algo comum a mim e aos entrevistados: as amizades da infância, que nos estimulam a desafiar e querer sempre algo novo. Lembro que, quando me reunia com minhas amigas, a primeira coisa que eu dizia era: “Do que vamos brincar hoje?”

Essa sensação foi a mesma que tive ao ler os relatos. Então, por que não criar uma história de amizade e aventura? Essa foi a primeira pergunta respondida: a história seria sobre um grupo de amigos em uma busca de uma nova aventura.

Com esse aspecto da narrativa decidido, logo surgiram novas perguntas: mas o que esses personagens iriam fazer? Qual seria essa aventura? Onde se passaria a história? Essas perguntas foram respondidas por meio das entrevistas, pesquisas e um pouco da minha própria experiência, e irei desenvolvê-las ao longo deste capítulo

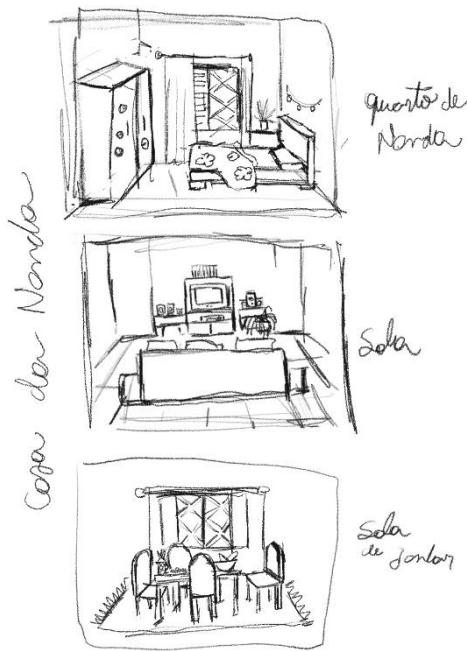
5.1. Localidades

A escolha do local principal onde se passa a história foi um grande avanço para a progressão do objetivo central da narrativa. Ao definir a localidade, tive maior facilidade em encontrar a problemática que se tornaria o objetivo principal a ser resolvido pelos personagens.

Como a maioria dos relatos se passa no estado de Minas Gerais, decidi estabelecer minha história nesse contexto. O local exato foi determinado por meio de um relato que especifica Buritizeiro-MG. Optei por esse lugar por causa do Rio São Francisco e das lendas em torno dele; esse aspecto me forneceria bastante material para trabalhar.

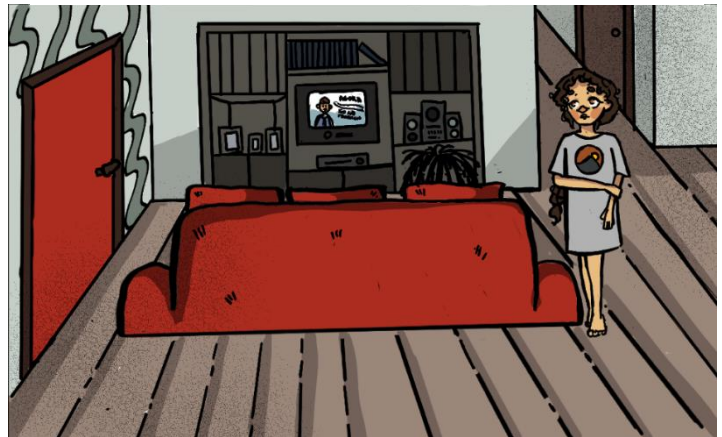
Na história, há duas casas: a casa dos pais, que é o ponto inicial, e a casa da avó, que marca o desenvolvimento da narrativa. Ambas representam um ambiente de refúgio.

Figura 6: Rascunhos casa de Nanda



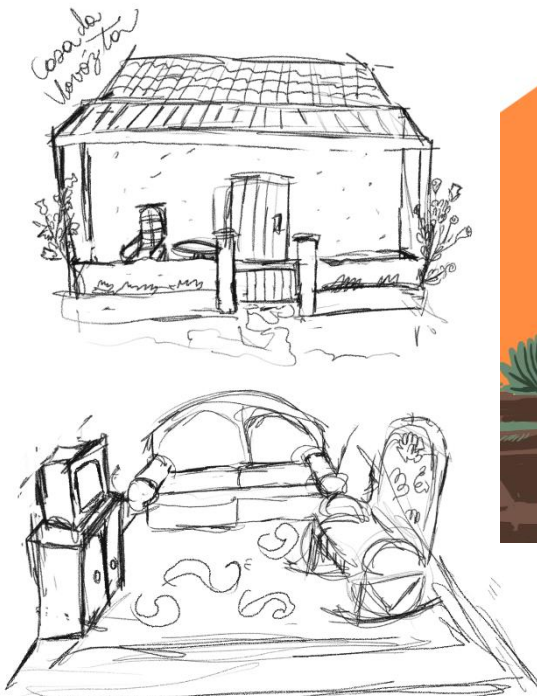
Fonte: Autoria Própria

Figura 5: Casa de Nanda



Fonte: Autoria Própria

Figura 8: Rascunho casa da Avó de Terezinha



Fonte: Autoria Própria

Figura 7: Casa da Avó de Terezinha



Fonte: Autoria Própria

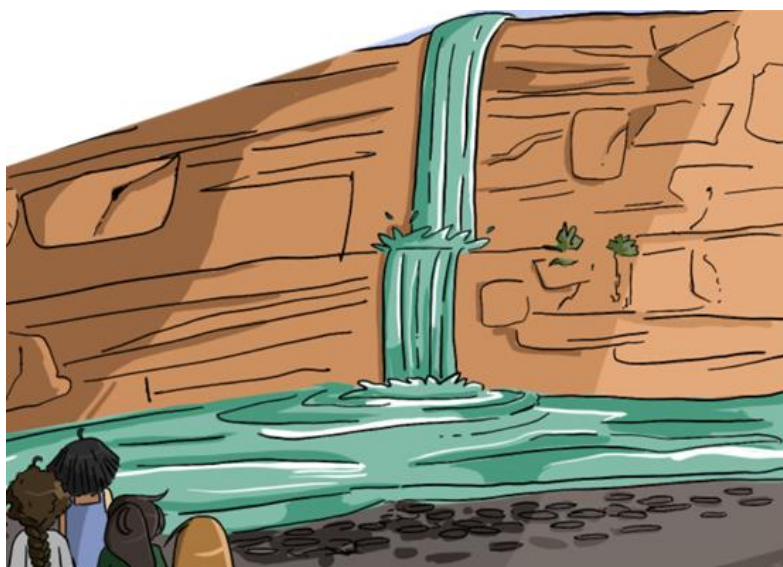
Outro ambiente presente no roteiro é a Cachoeira das Almas, localizada em Buritizeiro-MG, formada pelo Rio do Sono, que desagua no Rio São Francisco⁸. Esse local foi escolhido por ser, anteriormente, um ponto de exploração de diamantes⁹, nesse local é onde se passa a maioria da história por ser onde fica o objetivo principal.

Figura 9: Cachoeira das Almas, Buritizeiro-MG



Fonte: foto de Eduardo Gomes

Figura 10: Cachoeira das Almas



Fonte: Autoria Própria

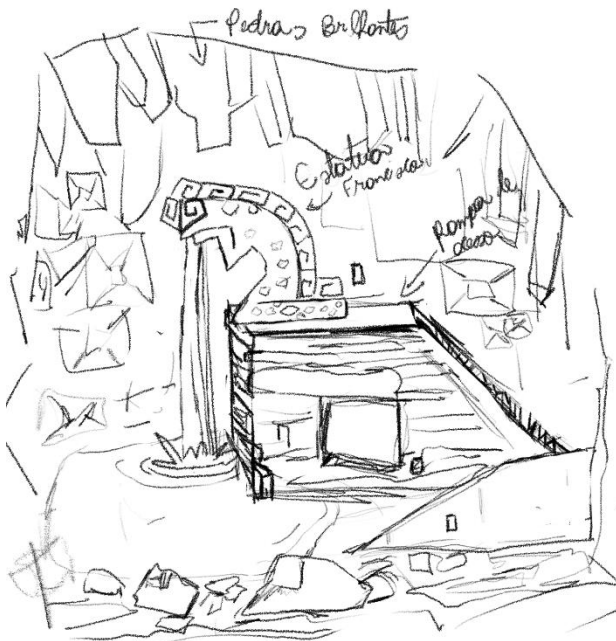
Figura 11: Rascunho Cachoeira das Almas



Fonte: Autoria Própria

⁸ *Rio do sono*. Minas, 2017. Disponível em: <https://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/buritizeiro/rio-do-sono/>. Acesso em: 30 out. 2024.

⁹ VALADARES, Bruno. **Inventário Turístico**. Buritizeiro, 2021, p.49. Inventário.

Figura 13: Rascunho Caverna de Iati

Fonte: Autoria Própria

Figura 12: Caverna de Iati

Fonte: Autoria Própria

5.2. Personagens

Os personagens da história foram construídos com base nas entrevistas, em minhas experiências e em um pouco de pesquisa. No roteiro final, estabeleci personagens principais e coadjuvantes, que se encaixam melhor no núcleo familiar e no círculo de amigos próximos.

O segundo grupo de personagens foi criado com inspiração em duas lendas: a lenda da Iati, que fala sobre a criação do Rio São Francisco, e a lenda da Mulher Cobra, que trata de uma maldição. Além dessas lendas, incluí nesse grupo os mineradores, que, junto com a Mulher Cobra, formam a força antagonista da narrativa.

5.2.1. Personagens Principais e secundários

O grupo principal foi o mais demorado de desenvolver, pois eu queria que seguissem a linha de personagens apresentada nas entrevistas. Meu objetivo era traçar um paralelo entre as personalidades descritas e as dos personagens principais. Para isso, estabeleci primeiro a composição do grupo principal.

Esse grupo foi inspirado no meu contexto de vida, pois eu sempre andava com um grupo de amigas — éramos quatro meninas. Esse número me pareceu ideal para a distribuição de personalidades e para o desenvolvimento da narrativa desse grupo. Os nomes delas são: Nanda, Terezinha, Duda e Lara. Juntas, elas formavam um grupo conhecido como “As Pequenitas.” Escolhi esse nome pelo fato de serem crianças, e porque “Pequenitas” soava melhor do que “pequenas.”

Figura 16: Rascunhos
Nanda e Terezinha



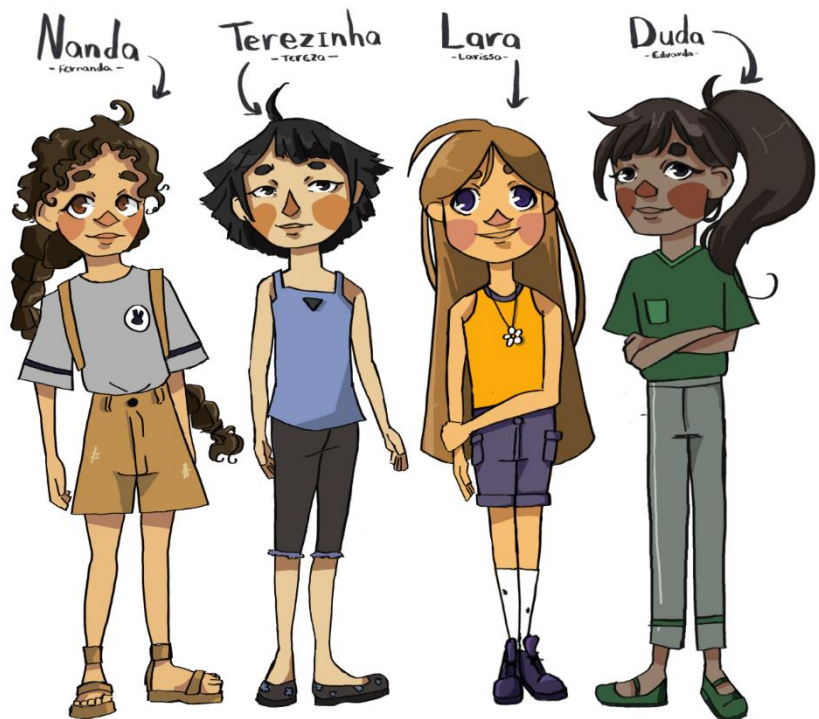
Fonte: Autoria Própria

Figura 14: Rascunho
Lara e Duda



Fonte: Autoria Própria

Figura 15: Personagens Principais



Fonte: Autoria Própria

Atribui uma personalidade principal a cada menina, que seria a característica mais marcante da personagem, essa classificação de cada uma facilitou o mapeamento dos adjetivos adjacentes dessa persona com base na tabela já criada com base dos personagens das entrevistas, na figura a seguir revela a personalidade principal de cada personagem e suas características adjacentes:

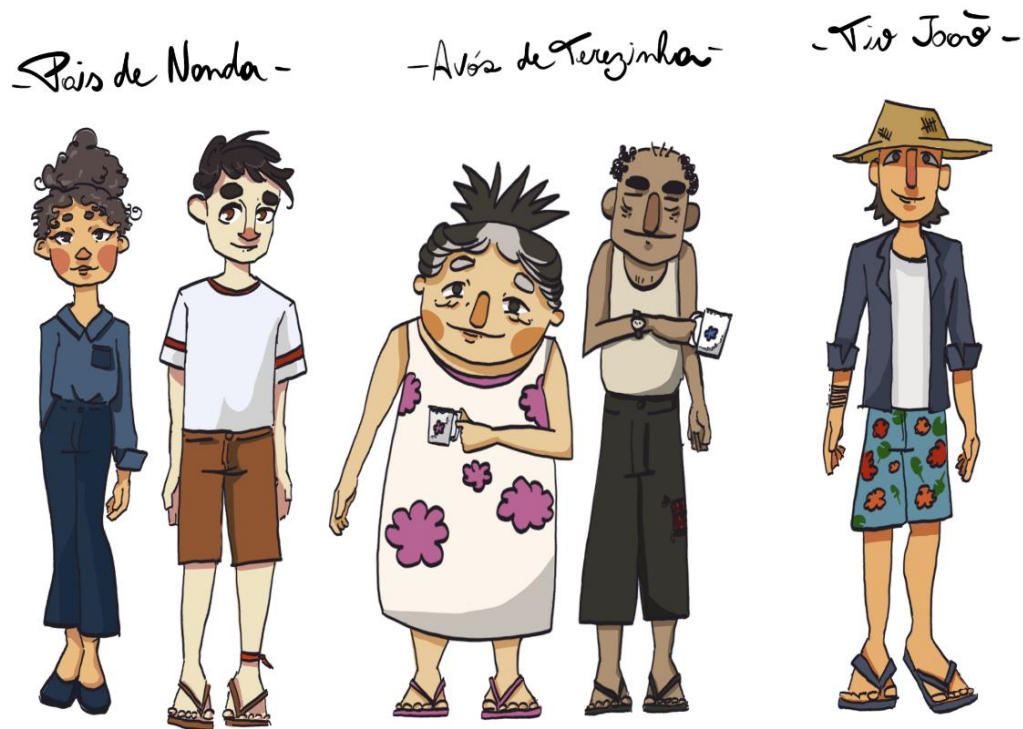
Figura 17: Personalidade dos personagens das pequenitas



Fonte: Autoria própria

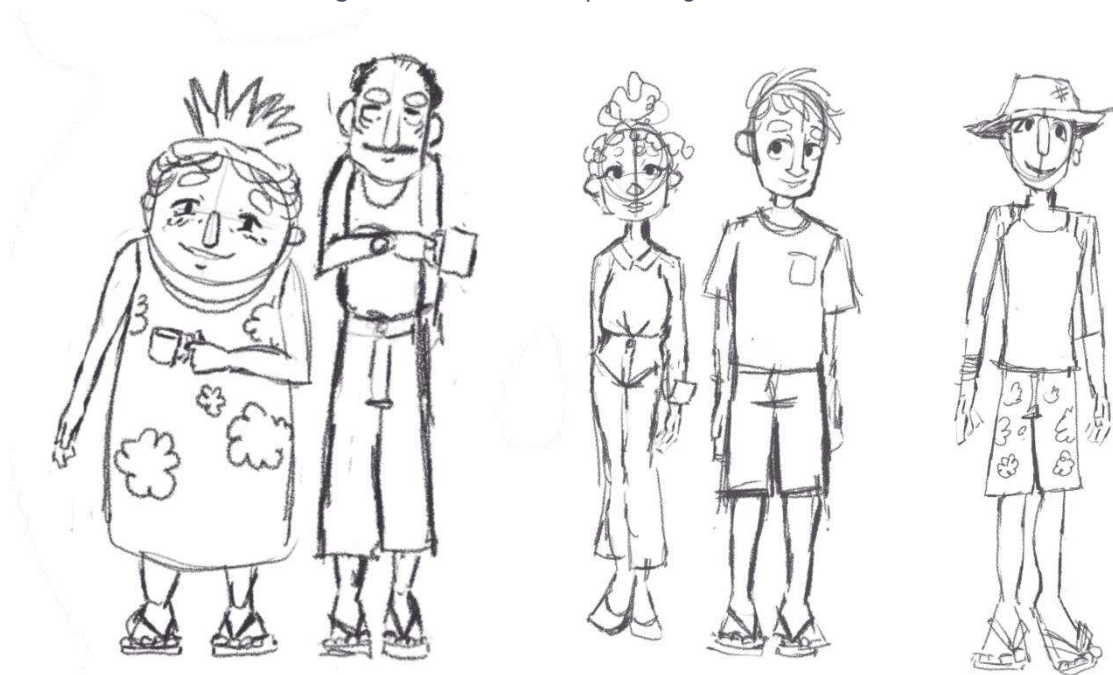
Partindo para os demais personagens da história temos os personagens coadjuvantes que foram escolhidos a partir das manifestações familiares dos relatos. Entre eles temos a mãe e pai de Nanda, que desempenham um papel primário na trama. Já os avós e tio de Terezinha ajudam no percurso do desencadear da história.

Figura 18: Personagens secundários



Fonte: Autoria própria

Figura 19: Rascunhos personagens secundários



Fonte: Autoria Própria

5.2.2. A lenda de Iati e a mulher cobra e os mineradores

Os personagens indígenas do roteiro contribuem para estabelecer o motivo da problemática. Eles foram desenvolvidos a partir de uma pesquisa sobre a origem do Rio São Francisco.

A lenda conta que, em uma tribo indígena próxima dos chapadões, existia uma índia chamada Iati, que estava noiva de um guerreiro de sua tribo. Um dia, esse guerreiro precisou ir para uma guerra no Norte, e tantos eram os índios que foram, que eles formaram sulcos na terra por onde passaram. Iati, triste e com saudades de seu noivo, chorou por dias; suas lágrimas escorreram como um véu de cachoeira no chapadão e transbordaram para os sulcos, formando assim o Rio São Francisco¹⁰.

No roteiro, o Rio São Francisco está em seca, e Terezinha, ao ouvir um conto de sua avó, o repassa para as amigas. Nesse conto de um livro antigo da família, a avó fala que a estátua de Iati estava na Cachoeira das Almas e que algo havia acontecido com ela. Assim, o objetivo das meninas é traçado: buscar e resolver o motivo da seca do rio.

O trio antagonista aparece na trama como a causa da seca do rio. Ele é composto por uma mulher e dois homens. Decidi não os nomear, pois aqui eles se apresentam mais como uma força antagônica. O objetivo deles é a mineração ilegal dos diamantes presentes na estátua, e essa extração diminui o volume da cachoeira produzida pela estátua, causando a diminuição do nível do rio.

Além disso, a mulher é um ser sobrenatural originado das lendas que cercam o Rio São Francisco. A lenda em questão conta que uma mulher, tomada por sua beleza exuberante, permaneceu à beira do rio admirando seu reflexo na água, esquecendo-se das horas. No badalar do sino das 18h, ela se transformou em uma grande serpente¹¹.

Fiz algumas modificações na lenda. Embora a serpente não tenha fogo em seu corpo, achei interessante o nome da lenda “A Serpente da Ilha do Fogo” e pensei: e se ela tivesse fogo como se fosse o cabelo? Então resolvi seguir com essa ideia.

¹⁰ CBHSF. A lenda Iati. YouTube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3c5cHDMTLQI>. Acesso em: 30 out. 2024.

¹¹ *As Lendas do Velho Chico*. CBHSF, 2016. Disponível em: https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/cultura_blog/as-lendas-do-velho-chico/. Acesso em: 30 out. 2024.

Figura 21: Iati e seu noivo

Fonte: Autoria Própria

Figura 22: Trio antagônico

Fonte: Autoria Própria

Figura 20: Rascunho trio antagônico

Fonte: Autoria Própria

5.3. Objetivos

O objetivo principal da história se relaciona com Nanda e o Rio São Francisco. No início da narrativa, Nanda sofre um acidente de carro, onde o veículo vai parar dentro do rio e começa a afundar. Ela quase se afoga nesse acidente, mas é socorrida.

A trama avança para o presente, onde Nanda já está recuperada do acidente, mas permanece em casa com medo devido ao trauma sofrido. Esse medo se torna o objetivo primordial de suas amigas e do roteiro: a recuperação do trauma de Nanda.

Um dia, Terezinha aparece contando sobre a lenda do Rio São Francisco e como acredita que essa lenda está relacionada à seca. Com a intenção de promover a saída de Nanda de casa, ela propõe que “As Pequenas” se unam para salvar o rio.

Sendo assim o primeiro objetivo da história é salvar o rio, e o segundo objetivo é eliminar o trauma de Nanda. Ambos os objetivos se relacionam; apesar de o rio ser a causa do estado atual de Nanda, ele agora se torna também a chave para a sua recuperação.

6. SOBRE O ROTEIRO

Para a criação do roteiro, utilizei como inspiração a análise de Joseph Campbell sobre a estrutura das mais variadas mitologias do mundo, contida em *O Herói de Mil Faces*. Esse ciclo me chamou a atenção e foi o que me levou a querer criar um herói – mas um herói sob a sombra de várias outras experiências reais.

Essa história é uma reflexão de que, assim como os heróis presentes nas diversas narrativas, somos os heróis das nossas próprias histórias e passamos pelo mesmo arco de evolução: saímos do nosso local comum, enfrentamos desafios e retornamos transformados, prontos para mais um ciclo de crescimento.

É impressionante como essas narrativas são importantes para o desenvolvimento pessoal. Saber que podemos enfrentar nossos medos e sair de um beco sem saída é inspirador, assim como saber que outras pessoas já vivenciaram experiências semelhantes e as superaram – mesmo que essas pessoas sejam figuras fictícias, distantes da nossa realidade.

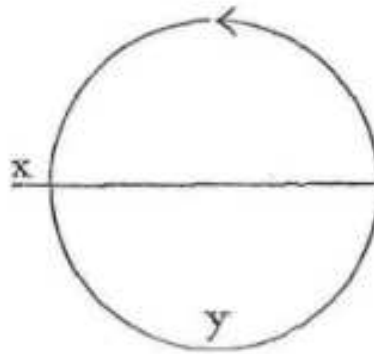
6.1. O Monomito e sua estrutura presentes no roteiro

Monomito foi o nome dado por Campbell à estrutura geral observada nas mitologias que estudou. Ele notou que todo herói seguia uma jornada semelhante, com pontos específicos que moviam a história. Esse padrão foi identificado não apenas em duas mitologias, mas em diversas mitologias espalhadas por todo o globo.

Mas o que a figura do herói representa? Ela simboliza a conquista dos desafios enfrentados, que resultam em transformação e evolução. “O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas.” (Campbell, 2007, p. 28).

Para alcançar essa conquista, o herói precisa passar por um ciclo composto por: separação, iniciação e retorno. Nesse ciclo, o herói parte de seu lugar comum, enfrenta e supera desafios, e retorna ao ponto inicial – mas agora transformado.

Figura 23: representação do ciclo da separação-iniciação-retorno do herói



Fonte: Ilustração retirada do livro o “O Herói de Mil Face

Dividi as etapas da história em três atos. Esses atos tinham o papel de definir o ciclo que o herói percorreria. Observando as etapas do herói descritas no livro, organizei-as da seguinte maneira:

Figura 24: Descrição dos atos do roteiro

I ATO Páginas: 01-07	II ATO Páginas: 08-24	III ATO Páginas: 25-30
• O chamado e a recusa do chamado • A partida • Auxílio amigos/mentor • Passagem pelo limiar	• O caminho das provas • A provação	• A fuga mágica e o resgate com auxílio externo • O retorno e a bênção Última

Fonte: Autoria própria

Esses atos foram desenvolvidos com o padrão de ciclo mostrando anteriormente, sendo o I ato a partida; o II ato a iniciativa e o III ato o retorno, o roteiro completo pode ser visto no Apêndice B.

6.2. I ATO

Figura 25: O chamado



Fonte: Autoria Própria

O ponto de partida da história começa mostrando a causa do trauma de Nanda em relação ao rio e apresentando os personagens nas duas primeiras páginas. Na terceira, quarta e quinta páginas, temos o chamado e a recusa do chamado. Na sexta página, ocorre a aceitação do chamado e, por fim, na sétima página, temos a passagem pelo primeiro limiar.

6.2.1. O chamado e a recusa do chamado

O chamado, apresentado por Campbell, é o desafio inicial do herói. Aqui, o herói é convocado para a aventura, que pretende tirá-lo de seu lugar de refúgio para uma terra distante ou um outro mundo. Esse chamado, por ser direcionado a um local de desconforto, é quase sempre rejeitado pelo herói.

E isso acontece com Nanda. Ela é chamada por sua amiga Terezinha para iniciar uma busca pela estátua de lati, com o objetivo de juntas, salvarem o rio. No começo, Nanda se entusiasma, mas logo se lembra do percurso do rio e recusa a

oferta. No entanto, o chamado reaparece para Nanda, assim como acontece no conto das Mil e Uma Noites, citado por Campbell (Campbell, 2017, p. 71-74). Porém, ao contrário do príncipe Kamar al-Zamán, que recusa a oferta, Nanda decide aceitar o convite para a aventura.

6.2.2. A passagem pelo primeiro limiar

A passagem pelo primeiro limiar é descrita por Campbell como o ponto que separa o mundo conhecido do desconhecido, e ultrapassá-lo representa o primeiro passo rumo ao inexplorado. Nos mitos, esse local é muitas vezes temido, cheio de perigos, e pode ser guardado por uma figura protetora. Superar esse limiar significa que o herói venceu o primeiro desafio colocado à sua frente.

No roteiro, essa passagem é retratada no capítulo sete, onde Nanda se depara com o Rio e precisa atravessá-lo para chegar à casa da avó de Terezinha. Esse desafio é especialmente assustador para Nanda, pois ela tem que cruzar, de barco, o rio onde quase se afogou no acidente. O obstáculo é superado quando Duda assume o papel de mentora, dando a Nanda a confiança necessária para avançar. Com o apoio de Duda, Nanda enfrenta o medo e entra no barco. “Todos os que tenham competência e coragem verão o perigo desaparecer.” (Campbell, 2017, p. 85)

6.3.II ATO

Figura 28: A caverna de lati



Fonte: Autoria Própria

O segundo ato vai da página oito à página vinte e quatro e tem como objetivo desenvolver os personagens enquanto enfrentam desafios, mencionados no livro de Campbell como o "caminho das provas". Ao final desse arco, nas páginas vinte e três e vinte e quatro, Nanda se depara com sua provação.

6.3.1. O caminho das provas

Após vencer o primeiro limiar, é necessário que o herói se prove novamente, agora enfrentando uma série de desafios sucessivos. Essas provas são mais profundas do que o limiar inicial e revelam que ainda há algo que o herói precisa superar internamente. Esse "ego" é simbolizado no limiar por uma Hidra: ao cortar uma de suas cabeças, duas novas surgem em seu lugar, representando as provas subsequentes (Campbell, 2017, p. 110). Nesse processo, o herói pode receber ajuda de um poder benigno ou de um amuleto, caso já o tenha em mãos, mas é essencial que ele sobreviva ao caminho.

Neste subcapítulo, separei os desafios que Nanda e as pequenitas precisarão enfrentar. Esse caminho é composto por três desafios distintos: "A procura da estátua de lati," entre as páginas oito e doze; "A perseguição," entre as páginas doze e dezoito; e "O problema que precisa de uma solução," entre as páginas dezenove e vinte e dois.

6.3.1.1. A procura da estátua de lati

Nesse desafio, as meninas precisam encontrar o local onde está a estátua de lati. Para isso, elas usam o livro da avó de Terezinha, chamado Por Meio do Rio, um antigo livro de família que retrata contos sobre o Rio São Francisco.

Em um desses contos, é revelada a localização da estátua de lati, que se encontra na Cachoeira das Almas. Assim, as meninas começam a trilha em direção à cachoeira.

Ao chegarem lá, sem saber onde exatamente está a estátua, pois só havia a cachoeira, elas se perguntam onde ela poderia estar. Nanda então pega o livro para observar melhor e se lembra do segundo chamado que teve em seu sonho, onde a estátua estava dentro de uma caverna.

Agora, o desafio é encontrar a entrada da caverna. Nanda sugere que ela poderia estar dentro da água. Confrontada novamente com seu trauma, ela decide permanecer do lado de fora junto com Lara, que tem dificuldades de locomoção para nadar devido a um antigo acidente.

Para enfrentar o desafio, Nanda conta com a ajuda de Duda e Terezinha, que se oferecem para mergulhar. As duas descem até o fundo e encontram a entrada da caverna. Juntas, elas seguem pelo caminho submerso e chegam ao local onde está a estátua. No entanto, dentro da caverna, elas descobrem que não estão sozinhas: o trio antagonico da história também está presente.

O trio retira os diamantes incrustados na estátua, que representam as lágrimas de Iati. Assim que são removidos, o fluxo das "lágrimas" diminui, fazendo com que o nível da água baixe.

Duda e Terezinha são recompensadas pela descoberta da localização da estátua e por terem identificado a causa da diminuição do rio. Desafio cumprido.

6.3.1.2. A perseguição

A perseguição começa assim que as meninas saem da caverna. Do lado de fora, elas decidem seguir o trio, com o objetivo de descobrir onde os diamantes estão sendo guardados. Dessa vez, Nanda participa ativamente, seguindo-os com cuidado para não serem vistas. Após um tempo de perseguição, elas chegam até o acampamento do trio.

O que elas não esperavam era que esse desafio se tornaria ainda mais assustador. A mulher do trio começa a se transformar em uma grande serpente com uma crina de fogo. Em choque, Lara solta um grito, mas rapidamente o abafa com a mão — infelizmente, não rápido o suficiente. A serpente percebe a presença delas e começa a persegui-las.

As meninas correm e conseguem se esconder em um matagal denso cercado por capim-santo. A escolha do capim-santo não foi por acaso: ele é conhecido por afastar cobras devido ao seu cheiro forte¹². Esse elemento representa o poder benigno

¹² LIMA, Letícia. *Plantas que afastam cobras*, 29 ago. 2021. Disponível em: <https://casa.umcomo.com.br/artigo/plantas-que-afastam-cobras-29952.html/> Acesso em: 30 out. 2024.

que protege o herói em momentos de necessidade, guardando as meninas até que o perigo passe.

Com essa proteção, as meninas conseguem se esconder até a serpente se afastar. Assim que percebem que estão seguras, elas correm de volta para a casa da avó. Agora, sabendo onde os diamantes estão escondidos, o próximo desafio é descobrir como recuperá-los.

6.3.1.3. O problema que precisa de uma solução

Diante do desafio de pegar os diamantes e repô-los na estátua, surge uma grande problemática: como as meninas poderão passar pelo trio antagonico sem serem vistas e recuperar os diamantes?

Enquanto pensam em uma solução, a avó de Terezinha aparece, oferecendo um chá para que elas durmam bem — um gesto simples, mas que representa, mais uma vez, a ação do poder benigno, agora inspirando a resolução do problema. Nanda com entusiasmo compartilha ideia que teve com as amigas: preparar um sonífero para colocar na bebida dos antagonistas, fazendo com que adormeçam e não sejam um obstáculo na recuperação dos diamantes. O sonífero é feito a partir da casca do mulungu, uma planta do Cerrado conhecida por suas propriedades sedativas¹³.

As meninas preparam o chá e em seguida, dirigem-se ao acampamento. Ao chegar, encontram-no vazio, o que lhes dá a chance de entrar discretamente na barraca e adicionar o chá ao filtro de barro. Elas então se escondem e aguardam. Quando o trio retorna, trazendo a bolsa com os diamantes, cada um deles bebe a água alterada e, logo, começam a sentir sono, adormecendo um a um.

Desafio completo. Com o trio em sono profundo, as meninas aproveitam para amarrá-los, garantindo que não sejam interrompidas. Em seguida, pegam a bolsa com os diamantes e correm até a caverna. Lá, Terezinha e Duda mergulham até a estátua, onde começam a recolocar os diamantes em seus devidos lugares.

¹³ REIS, Manuel. *Mulungu: para que serve, como fazer o chá e efeitos colaterais*. Tua Saúde, 17 dez. 2023. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/mulungu/> Acesso em: 30 out. 2024.

6.3.2. A provação

A provação é a etapa em que o herói passa por uma grande pressão, medo e insegurança. Ele se aproxima, olha para dentro do abismo, e o abismo o olha de volta, revelando o interior do herói. Ele se vê e confronta, tendo como desafio maior o abandono do seu ego. Quando seu ego morre, rompe todo o padrão que o limitava, resultando na transformação do herói.

Para Nanda, essa provação se encontra diante dela quando percebe que a serpente acordou. Ela precisa avisar as meninas que estão dentro da caverna, mas, antes disso, precisa encarar seu trauma. Ao olhar para a água, ela decide enfrentar seus medos. É quando está lá embaixo que a provação começa.

Ela se vê revivendo o acidente que sofreu, sentindo toda a angústia de quase se afogar. Mas, como cores vibrantes, ela se lembra de suas amigas e de como elas confiavam nela. Isso a motiva a "afogar" os medos e traumas do seu antigo eu, transformando-se em seu novo eu.

6.4.III ATO

Figura 31: A Fuga



Fonte: Autoria Própria

O terceiro ato ocorre entre as páginas vinte e cinco e trinta. Neste ato final, temos a fuga mágica da caverna e o retorno com a bênção final, encerrando assim a história das Pequenitas.

6.4.1. A fuga mágica da caverna

Nanda chega à caverna e se encontra com as meninas, informando-as sobre a serpente. Terezinha ao ouvir esse anúncio, por um deslize, pressiona um diamante com força na abertura, desencadeando um tremor na caverna. A partir daí, Nanda tem a ideia da fuga: quando a serpente estiver mais em cima, elas colocarão o diamante com toda a força, fazendo com que a caverna desmorone. O objetivo para escapar é pular do alto da rampa para a água, onde poderão sair pela saída.

Logo que a cobra aparece, as meninas colocam rapidamente o diamante e pulam na água. A caverna começa a desmoronar, e a cobra, percebendo o movimento, salta em perseguição a elas. A fuga começa, com a serpente logo nos calcanhares.

Em determinado momento, uma pedra cai do teto, prendendo a cobra. Nanda, ao ouvir o barulho do impacto, olha para trás e vê a força benigna que protegeu as meninas durante a fuga. Iati aparece para Nanda, agradecendo por ela ter recuperado suas lágrimas. Com a ajuda sobrenatural de Iati, as Pequenitas conseguem finalmente escapar.

6.4.2. O retorno e benção última

As Pequenitas, agora juntas no exterior da caverna, retornam à casa da avó de Terezinha, que as espera. Terezinha conta à avó sobre o ocorrido, mas ela não acredita na história da criança. Então, elas entram na casa e adormecem.

No dia seguinte, enquanto tomam café e assistem ao jornal da manhã, ficam surpresas ao ver no noticiário que o nível do rio aumentou. Todas as meninas ficam impressionadas com o que haviam feito. Essa é a benção final, representando a conquista das Pequenitas e o benefício coletivo para toda a cidade. A missão do chamado finalmente está cumprida.

Não apenas o rio foi salvo, mas Nanda também superou seus traumas, e, junto com o rio, ela foi restaurada.

7. REFERÊNCIAS VISUAIS

O que me incentivou a fazer um quadrinho foi o fato de crescer lendo-os; já li inúmeros mangás (quadrinhos japoneses), e grande parte da minha escolha por iniciar o curso foi devido a essa referência visual que me inspirou no meu jeito de desenhar.

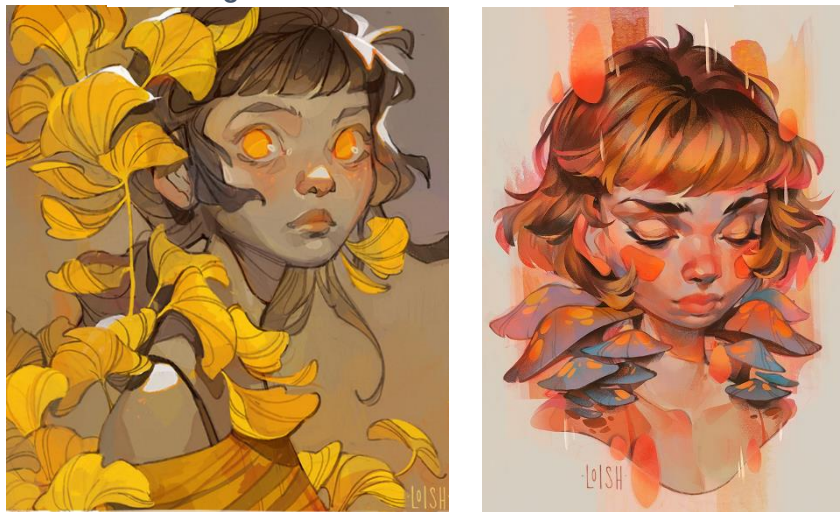
Além dos mangás japoneses, também tenho como influência a artista Lois Van Baarle, que atende pelo nome artístico Loish, e que me conquistou pelo seu uso de cor e pelos rostos com destaque no nariz rosado e seus grandes olhos.

Em minha busca por referências visuais, também embarquei em inspirações da flora, com plantas que são encontradas no Cerrado. Nessa etapa, irei apresentar essas influências visuais por meio de um *moodboard*. Ao final deste capítulo, colocarei o quadrinho final acompanhado do roteiro.

7.1. Moodboard

Nesse subtópico, mostrarei algumas referências que utilizei como métodos de traço e estilização do quadrinho.

Figura 33: Características dos rostos



Fonte: Acervo da artista.

Os traços do rosto foram principalmente inspirados em Loish¹⁴; mesmo que as cores sejam representadas com menos tridimensionalidade no quadrinho, a

¹⁴ BAARLE, Lois Van. Sobre mim. 2004. Disponível em: <https://loish.net/about/>. Acesso em: 29 out. 2024.

colorização dos narizes e das bochechas foi influenciada pelo estilo da artista, que deixa essas partes em uma tonalidade mais rosada.

Para a estilização do cabelo, optei por representar as pontas descabeladas, pois gosto de mostrar fios soltos que refletem a despreocupação das crianças com cabelos bem arrumados. O foco delas é sair para brincar, e essa ideia foi inspirada nas crianças de *The Promised Neverland*¹⁵.

Figura 36: Personagens do anime *The Promised Neverland*



Fonte: Cena do anime *The Promised Neverland*

Para o plano de fundo, utilizei predominantemente cores mais vibrantes, pois queria transmitir um aspecto de vivacidade para os quadros. A inspiração veio das cores do mangá *Toilet-bound Hanako-kun*¹⁶.

Figura 39: Capas dos volumes do mangá



Fonte: Mangá *Toilet-bound Hanako-Kun*

¹⁵ THE PROMISED NEVERLAND. Mamoru Kanbe. Tóquio: CloverWorks, 2019

¹⁶ TOILET BOUND HANAKO-KUN, Tóquio: Square Enix, 2014

Ao ler alguns mangás, percebi que alguns deles trabalham bem os arquétipos de cada personagem de um núcleo, fazendo com que cada um tenha uma personalidade única e exerça sua importância no grupo. Recentemente, tenho lido *Atelier of Witch Hat*¹⁷, que me inspirou no trabalho de energia dos personagens, mesmo tendo personalidades diferentes elas se completam.

Figura 42: Ilustração mostra a dinâmicas dos arquétipos



Fonte: Mangá Atelier of Witch Hat

Plantas que são encontradas no Cerrado foram utilizadas para referência da ambientação geral da mata.

Figura 49: Laranjinha-do-campo



Fonte: Foto por Mauricio Mercadante

Figura 46: Ypê-amarelo



Fonte: Foto por Carolina Costa

Figura 44: Quaresmeira



Fonte: Foto por Mauro Guanandi

¹⁷ ATELIER OF WITCH HAT, Tóquio: Kodansha, 2016

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado foi muito gratificante. Consegui concluir o objetivo de produzir o quadrinho com a narrativa imaginativa criada. Desafios surgiram, como prazos e produção, e quase desisti de fazer o quadrinho em cores; entretanto, valeu a pena lutar por esse projeto.

Quanto ao objetivo principal de produzir uma narrativa imaginativa usando como base experiências vividas, tive a chance de criar o roteiro a partir de histórias de pessoas que eu conhecia e nem imaginava que tinham passado por tudo o que me foi relatado. Foi uma grata descoberta. Sem essas histórias, eu não conseguiria produzir nem meia dúzia do que vocês contemplaram. Elas me permitiram fantasiar e me aventurar pelos contos do Rio São Francisco, criando uma jornada de transformação e superação.

Sobre a estrutura seguindo o ciclo do herói de Campbell, acredito que o ciclo foi completado: Nanda sai de seu lugar seguro, embarca para o local onde enfrentará desafios, e, só após isso, tem que encarar sua própria provação. Quando consegue superá-la, transforma-se, agora sem medo e traumas. Por fim, conquista a bênção última para toda a sua comunidade, completando assim o ciclo da separação, da iniciativa e, finalmente, do retorno.

Por fim, Nanda e as pequenitas formam um grupo pelo qual me apeguei. Acredito que as aventuras delas não param por aí. Pensei em mais histórias que elas poderiam viver e já tenho em mente três ideias. Já que o primeiro tem como foco Nanda, os seguintes aprofundarão as outras integrantes: Duda, Terezinha e Lara.

Pensei em explorar a regionalidade de Minas, e como seria interessante uma aventura em Ouro Preto, outra numa viagem no trem Maria Fumaça, ou até uma expedição maior, com uma jornada ao passado em uma aventura com os tropeiros do século XVII. Se essas aventuras vão surgir, é uma resposta para o meu eu do futuro.

REFERÊNCIAS

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

KING, Stephen. **Sobre a escrita: A arte em memórias**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.

Domee Shi. Wikipedia, 2024. Disponível em:
https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Domee_Shi&oldid=1254180228 .
 Acesso em: 29 out. 2024.

BAO. Direção: Domee Shi. Produção: Pixar, 2018. 8 min.

YAN, Sophia. *Bringing a dumpling to life: Q&A with Domee Shi, Pixar director of 'Bao'*. SupChina, 17 jul. 2018. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20200819164039/https://supchina.com/2018/07/17/qa-with-domee-shi-pixar-director-of-bao/>. Acesso em: 29 out. 2024.

FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CBHSF. A lenda Iati. YouTube, 2016. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=3c5cHDMTLQI>. Acesso em: 30 out. 2024.

As Lendas do Velho Chico. CBHSF, 2016. Disponível em:
https://cbhsaofrancisco.org.br/noticias/cultura_blog/as-lendas-do-velho-chico/ .
 Acesso em: 30 out. 2024.

VALADARES, Bruno. **Inventário Turístico**. Buritizeiro, 2021, p.49. Inventário.

Rio do sono. Minas, 2017. Disponível em:
<https://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/buritizeiro/rio-do-sono/>. Acesso em: 30 out. 2024.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

REIS, Manuel. *Mulungu: para que serve, como fazer o chá e efeitos colaterais*. Tua Saúde, 17 dez. 2023. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/mulungu/> Acesso em: 30 out. 2024.

LIMA, Letícia. *Plantas que afastam cobras*, 29 ago. 2021. Disponível em:
<https://casa.umcomo.com.br/artigo/plantas-que-afastam-cobras-29952.html/> Acesso em: 30 out. 2024.

BAARLE, Lois Van. **Sobre mim**. 2004. Disponível em: <https://loish.net/about/> .Acesso em: 29 out. 2024

GRANDMONT Jean-Pol. **Bananeira**. 2019. 1, Fotografia digital.

GUANANDI, Mauro. **Quaresmeira**. 2019. Fotografia Digital.

COSTA, Carolina. 2005. **Ypê-amarelo**. 1, Fotografia digital.

MERCADANTE, Mauricio. **Laranjinha-do-campo**. 1, Fotografia digital.

APÊNDICE A – RELATOS

VIVIANE APARECIDA COUTINHO MORAL

Um dia de praia e umas aventuras.

O dia amanheceu lindo, do jeito que esperávamos: com bastante sol e sem nuvens no céu, perfeito para um dia de praia. Antes de contar sobre esse dia, vou descrever como era nossa casa. Éramos três crianças com uma babá que morava conosco e minha irmã. Tínhamos uma infância muito boa, como toda criança, com brigas e momentos de diversão. Eu era a mais velha, tinha 9 anos; minha sobrinha, 7 anos; e o irmão dela, 5 anos.

Um dia antes da folga da minha irmã, Kátia, combinamos com nossa babá, Safira, que nos levaria à praia no dia seguinte porque ela também estaria de folga. Quando nos disseram para onde íamos, ficamos muito felizes e começamos a nos organizar para levar nossos brinquedos: bola, baldinho de areia, estrelinhas, enfim, todas essas coisas de crianças. Nunca deixávamos de levar nossa prancha, pois sempre que íamos à praia gostávamos de pegar onda. Deixamos tudo pronto para o grande dia.

Como era a folga da minha irmã, ela quase nunca saía com a gente por conta do seu trabalho (ela trabalhava em uma padaria que ficava aberta 24 horas). A babá Safira sugeriu que fizéssemos daquele dia um momento perfeito para minha irmã (mesmo sabendo que isso seria impossível), e nós concordamos que não íamos brigar nem discutir por coisas pequenas. Prometemos que nos comportaríamos.

No dia seguinte, acordamos com o sol lindo! Sem nuvens no céu, tudo limpo. Eu, Viviane, fui a primeira a acordar, depois minha sobrinha Sheila, em seguida meu sobrinho William, e por fim a babá, Safira. Minha irmã ainda estava em casa quando começou nossa primeira discussão, tudo por causa de um brinquedo que eu não queria levar (na maioria das vezes, eu e a Sheila éramos as que começávamos as brigas, mas dessa vez foi ela). Safira, ao ouvir os gritos, entrou no quarto mandando que parássemos e ameaçou nos deixar em casa. Logo, paramos e dissemos para minha irmã, Kátia, que não tinha acontecido nada. Então, nos arrumamos, e eu tive que levar o brinquedo para encerrar a discussão.

Por fim, fomos para a praia. Chegando lá, minha irmã encontrou um lugar muito bom para ficarmos; havia muita gente e a praia estava lotada. Começamos a nos organizar, estendendo a toalha no chão, montando os guarda-sóis, as cadeiras e todas as outras coisas. Decidimos brincar na água com a nossa prancha — eu, Sheila e William — enquanto Safira ficava de olho em nós.

No decorrer da brincadeira, resolvemos disputar quem conseguia pegar melhor as ondas, e quase sempre Sheila ganhava. Foi então que tive a ideia de sabotar a prancha dela. Normalmente, quando eu fazia algo do tipo, todos já sabiam que era eu, mas dessa vez consegui me dar bem porque envolvi outras crianças na nossa disputa (havíamos feito amizade com elas). Para concluir minha sabotagem, peguei um galho e risquei a prancha da Sheila sem que ninguém visse. (Para que vocês entendam, a prancha era daquelas de isopor; não sei se ainda vendem desse tipo, mas era assim antigamente). Coloquei a prancha junto com as das outras crianças, e ninguém notou minha aproximação. Eles estavam preparando a linha de largada e numerando os participantes.

Tudo pronto, cada um pegou sua prancha. Sheila não percebeu que a dela estava arranhada de uma forma que, ao tentar ficar de pé, a prancha iria se partir ao meio.

Então, aconteceu exatamente como eu imaginei: ganhei a competição! E colocaram a culpa da prancha quebrada em um tombo que Sheila levou na água (eu até achei que ela estivesse se afogando, mas na verdade ela estava em uma parte rasa e caiu em um buraco). Meu plano deu muito certo; ganhei, e ela teve que me dar um dos brinquedos dela. As outras crianças não quiseram apostar, mas tudo bem, porque o que eu queria mesmo era ganhar dela.

Enquanto estávamos rindo da queda de Sheila, William se perdeu de nós. Voltamos para perto da minha irmã, que perguntou: — Cadê o William?

Mentimos, dizendo que ele estava brincando com os outros meninos, pois ficamos com medo de apanhar. Minha irmã tinha pedido uma porção de batata com camarão para nós, e Safira foi mergulhar. Por algumas horas, esquecemos do William. Quando a porção chegou, junto com a Coca-Cola, começamos a comer. De repente, William apareceu com o guarda da praia, chorando e dizendo que tinha se perdido! Minha irmã ficou sem entender nada, e o guarda disse algumas coisas para ela (não me lembro bem). William contou que tinha se separado de nós e achou que nunca mais nos veria. Ele estava em desespero, e deu muita dó dele. Voltamos a comer

junto com ele, quando minha irmã lembrou de Safira e perguntou onde ela estava quando William se perdeu.

Fomos procurar Safira e, enquanto andávamos, avistamos o salva-vidas com uma moça, tentando reanimá-la. Quando chegamos mais perto, vimos que era nossa babá. Ficamos muito aflitos com a situação e começamos a chorar, achando que ela ia morrer. De repente, ela começou a expelir muita água pela boca e foi levada imediatamente para o posto de atendimento na praia. Felizmente, logo ficou bem, graças a Deus! Ela nos contou o que havia acontecido: sentiu falta de William e foi procurá-lo. Viu algumas crianças na água e achou que poderia ser ele, mas não era. Quando tentou sair da água, o salva-vidas começou a apitar, avisando para todos saírem, pois o mar estava puxando. Ela não conseguiu sair e acabou se afogando, sendo resgatada pelo salva-vidas.

Depois que tudo se acalmou, minha irmã perguntou: — Tem mais alguma coisa que aconteceu ou só foi isso até agora, o afogamento da babá e o William que se perdeu?

Lembrei da prancha de Sheila que havia se partido no meio e ela caindo na água, e comecei a rir. Minha irmã, sem entender, ficou me perguntando o que era, e eu não conseguia parar de rir, até levei uns tapas dela, mas mesmo assim continuei rindo.

Aí Sheila contou o que tinha acontecido. Safira não tinha visto que ela tinha caído, nem que William tinha sumido, porque ele se afastou de nós por causa da prancha dele. Os meninos estavam levando a prancha e ele foi atrás. Foi nesse momento que Safira percebeu que ele estava desaparecido e foi atrás dele.

Gente, foi muito engraçado a forma como tudo aconteceu, até minha irmã riu da situação da Sheila e de como tudo se desenrolou. Logo depois, fomos embora.

Depois disso tudo, até hoje ninguém sabe que eu fui a culpada de tudo, porque eu queria ganhar a competição e o brinquedo da Sheila. E assim foi o nosso dia na praia. Depois, fomos ao McDonald's, e aí tudo estava tranquilo até eu jogar refrigerante na cara da Sheila. Dessa vez, levei umas palmadas na frente de todo mundo e não me dei bem!

Até logo, espero que tenham gostado da minha história de infância.

ALESSANDRA BEATRIZ COUTINHO DE CASTRO

Quando eu era pequena, morava com meus avós, e eu e minha avó brincávamos muito. No quintal da casa da minha vó, tinha um fogão de lenha e dois pés gigantes de goiaba e de acerola. Minha vó sempre fazia doces de todos os tipos. Lembro-me como se fosse hoje: eu era bem pequena, pegava minhas bonecas e montava uma casinha no fundo do quintal. Eu brincava com minha vó de "Cumádi" (uma brincadeira que só nós duas conhecíamos, em que fingíamos ser vizinhas e ela vinha me visitar, e a gente comia...).

Eu começava a brincadeira dizendo:

- Oi, Cumádi, tudo bem? E ela respondia:
- Tudo bem, Cumádi e você?

Eu perguntava se ela queria um chazinho, e ficávamos brincando. Eu oferecia chá para ela, que na verdade era água com barro (claro que não tomávamos de verdade, mas eu fingia que era chá). Pegava a areia para fingir que era arroz, a brita como se fosse carne, e as folhas faziam o papel de alface. Brincar de "Cumádi" era minha maior alegria na infância; adorava brincar no quintal com minhas bonecas e brinquedos.

Lembro-me de um episódio em que eu estava brincando de casinha (a brincadeira de "Cumádi" mais famosa entre mim e minha vó). Estava com uma das minhas bonecas, que eu dizia ser minha filha, e minha vó cuidava dela com todo amor e carinho. Eu usava objetos do dia a dia para enriquecer a brincadeira. Tinha uma garrafa de produto de limpeza da marca Politriz, que virou uma amiga nossa na brincadeira. Então, eu pegava a garrafa e dizia:

- Oi, Politriz, tudo bem?

E eu colocava ela lá e conversava com a garrafa, dizendo que era minha amiga, e brincava o dia todo, se deixassem. Brinquei até os 15 anos no fundo do quintal, inventando várias brincadeiras.

Recordo-me de um dia, quando eu era bem pequena, em que minha avó foi limpar o quintal e jogou a Politriz fora. Após uma semana, comecei a perceber a ausência da Politriz, minha "amiga". Cheguei para minha vó e perguntei:

- Vó, você viu a Politriz?!

Ela respondeu:

- Qual Politriz?!

Eu falei:

- A nossa amiga garrafa.

- Ahhh, sim, minha filha, acho que, sem querer, joguei ela fora!

Fiquei muito chateada ao saber que a Politriz tinha ido para o lixo. Até hoje me pergunto por que minha avó jogou fora uma das minhas personagens favoritas, a Politriz. Mas sei que foi sem querer, porque depois minha família tirou os pés de goiaba e acerola e cimentaram o quintal.

Foi um tempo muito engraçado e precioso da minha vida, um período maravilhoso em que eu brincava no fundo do quintal com minha vó. Foi uma das melhores fases da minha infância.

SAMYRA OLIVEIRA DOS SANTOS

Aos 9 anos, fui atropelada por um carro em uma avenida em frente à igreja. Estava acontecendo um mover no culto e não havia departamento infantil, então eu e meu primo estávamos do lado de fora perambulando. Quando avistei minha irmã do outro lado da rua conversando com um amigo, quis ir até lá. Vi o carro se aproximando e, como tinha fama de correr rápido, simplesmente fui. O carro me jogou para longe; como era uma avenida dividida em duas pistas, com o meio recheado de árvores e grama, de acordo com uma testemunha, eu voei em volta de uma árvore. Fiquei tão pequena que a pessoa chegou a duvidar se eu era a filha de 2 anos dela. Logo depois, caí no chão.

Estava sem respirar, mas um presbítero orou por mim e eu despertei. Quebrei meu osso fêmur e ganhei várias cicatrizes de machucados. Passei 5 dias no hospital até o dia da cirurgia para colocar um ferro que colaria meu osso. Foram 5 dias intensos, com várias visitas de amigos da igreja e da família.

Lembro de um dia em que, sem querer, mexi uma veia e fiquei toda ensanguentada. Lembro também do desespero e do choro quando minha mãe foi para casa tomar banho. Fiquei muito feliz quando meu irmão veio me visitar, sempre fomos muito próximos.

O dia da cirurgia foi com anestesia geral, então não me recordo de nada. Tudo correu tranquilamente. Após isso, ganhei 3 meses de atestado para ficar em casa. Estava no 5º ano do ensino fundamental e sentia muita falta das minhas amigas. Tinha um bom desempenho na escola e temia ficar para trás ou até mesmo ser reprovada por faltas, mas a professora me passou algumas atividades e provas online, e tudo deu certo nesse sentido.

Nesse processo, tive muito suporte familiar. Como não podia levantar da cama no início e tomava muitos remédios, lembro que minha mãe e meu irmão revezavam em faltar à igreja para ficarem comigo em casa. Eu e meu irmão assistíamos a muitos filmes juntos, o que era bem divertido. Quando ele não estava, eu me lembro de ver "iCarly" quase o tempo todo, decorando diversas cenas. Era um verdadeiro evento quando tentavam me tirar de casa andando de muletas, o que era bem cansativo.

Além disso, passava horas no telefone fixo conversando com minha melhor amiga da escola. Em um dia especial, minha mãe a buscou para ir até minha casa me ver, e nós passamos o tempo vendo clipes do *Big Time Rush*.

Acredito que foi um período difícil, pois eu era uma criança cheia de energia que foi obrigada a se "*quarentenar*" enquanto me recuperava. Havia as saídas para a fisioterapia, e eu gostava de comer as balinhas do consultório e acompanhar meu progresso. No início, minha perna mal dobrava, mas com o tempo, voltou completamente ao normal. Elas ficaram de tamanhos ligeiramente diferentes devido aos primeiros dias sem movimentação, algo que percebo até hoje pelos chinelos, em que um lado fica mais gasto do que o outro.

Durante esse processo, conquistei paciência e resiliência. Também passei a apreciar ainda mais meus pais. Lembro que pedi uma guitarra e queria fazer aulas, e eles deixaram e me deram uma guitarra rosa! Assim que comecei a usar apenas uma muleta, iniciei minhas aulas de guitarra, o que foi muito divertido.

MARIANA VERENA MOURA DE SOUZA

Eu e minha família não somos naturalmente de Uberlândia, somos do norte de Minas, de Buritizeiro, e já faz 12 anos que estamos aqui. Uma das experiências que marcou muito a minha vida foi a nossa vinda para cá, porque tínhamos muitos primos na nossa cidade natal, onde brincávamos muito e convivíamos bastante. Depois da nossa vinda para cá, só eu e minha irmã tivemos essa convivência, essa troca de brincadeiras e tudo mais.

A gente não teve pessoas próximas para que pudéssemos fazer isso aqui em Uberlândia. Então, em uma das nossas idas e vindas à nossa cidade natal, fomos até o Rio São Francisco, que corta as cidades de Buritizeiro e Pirapora. Nós éramos bem pequenas e fomos nós e nossos outros primos. Banho no rio, visita às cachoeiras do lado de Buritizeiro – foi um dia que eu nunca vou me esquecer, porque foi um dia em que nossas tias também estavam lá, e tivemos essa troca entre famílias, matamos a saudade e tudo mais.

E um fato muito interessante desse dia é que, na minha cidade, não há estacionamento para carro, só para motos e bicicletas, porque é uma cidade muito pequena. Então, nesse dia, fomos todos de bicicleta, com garupas, com os primos atrás, e seguimos para o rio. Na hora que fomos, falei para minha prima, que estava na garupa da minha bicicleta:

- Olha ali, a gente vai passar pela rampa do hospital e vai chegar primeiro na casa de Vovózita.

Porque a rampa era muito alta na descida, e aí eu falei: "Ó, a gente não vai contar pra ninguém." Ela respondeu: "Tá bom, Mari." Pronto, quando estávamos saindo, não contamos pra ninguém que íamos passar pela rampa do hospital. E aí, quando menos esperamos, lá estávamos nós, passando. Todas as outras pessoas que estavam com a gente — todas as tias, todos os primos — tiveram a mesma ideia, mas não contaram pro resto da turma, porque queriam chegar primeiro na casa da minha avó. Então, todo mundo foi para a rampa na mesma hora, quase caímos lá em frente ao hospital. Foi algo que marcou muito, porque tivemos a mesma ideia e a executamos na mesma hora, como se fosse uma conexão. Todo mundo teve essa arte de ir para aquela

rampa. O que mais gostamos foi o fato de termos tido a mesma ideia e ter feito isso, pensando que ninguém mais faria.

Em uma das viagens para minha cidade natal, no norte de Minas, fui à casa da minha avó de consideração e havia um homem na porta que disse que ela estava lá dentro. Então, eu e minha prima confiamos. Quando chegamos dentro da casa, havia outro homem, que disse que ela não estava lá. Mais rapidamente, nos dirigimos para fora da casa e nos separamos do homem que havia mentido, entrando na casa. Não lembro exatamente o que ele disse, mas graças a Deus não aconteceu nada conosco e saímos de lá intactas, mais uma vez sendo guardadas pelo Senhor. Essa é uma experiência que eu nunca repetiria.

MATHEUS RODRIGUES DE FREITAS

Lembro-me de quando era pequeno, talvez entre 8 e 10 anos, e comecei a me interessar por bicicletas. Sempre via uma loja extremamente atrativa, com muitas bicicletas multicoloridas. Meu avô, Magno, percebeu e, junto com minha avó, decidiram me presentear com a minha primeira. Assim, ele começou a me ensinar a andar.

Em certo momento, ainda no início, eu já conseguia me equilibrar e andar, mas não conseguia parar. Isso ocasionalmente deixava meu avô absurdamente preocupado, pois eu disparava na frente e ele tentava correr atrás de mim para me segurar. Eu caía, chorava, levantava, às vezes ficava com medo de tentar novamente, mas me lembro de uma situação engraçada em que tinha um pessoal mais velho na rua (crianças mais velhas) sentados conversando, e o meu "eu", em sua grande bravura, quis mostrar pras "moças bonitas" que sabia andar de bicicleta. Foi o maior tombo que já tomei: caí de peito na frente deles e quase rodei. Levantei, segurando o choro, e falei:

- É caindo que a gente aprende!

De fato, a bolinha fofa mais máscula do bairro!

Acho essa história interessante porque eu era uma criança muito chorona. Nesse momento, percebi que, por mais que fosse dolorido cair, era só um tombo, e eu podia colocar a atenção em outra coisa. Assim, comecei a amar andar de bicicleta com meu avô. Foi um grande momento em que gostei tanto de algo ao ponto de não me importar em me machucar. E eram CADA tombo! Curiosamente, comecei a usar os tombos pra frear, enquanto ainda não entendia o funcionamento do freio.

ANY CAROLINY DE MOURA SOUZA

Tive inúmeras experiências e memórias na infância que acredito que nunca esquecerei, pois é na infância que podemos ser nós mesmos, sem nos preocupar com nada, e onde toda a família ainda era unida. Principalmente naquela época, as crianças ainda agiam como crianças: brincávamos na terra, subíamos em árvores, e os adultos não se importavam de brincar conosco (até levavam a brincadeira mais a sério).

Uma vez, na casa da minha avó, havia um pé de seriguela muito alto. Ninguém nunca conseguia subir nele, então nossa missão de vida se tornou encontrar um caminho para subir no pé. Um dia, descobrimos que o acesso estava pelo pé de acerola ao lado. Guardamos esse segredo dos adultos, até que eles descobriram e cortaram o pé.

Outra brincadeira que fazíamos era polícia e ladrão à noite. Para nos esconder, subíamos no telhado no fundo do quintal da minha avó. Lá tinha um pé de manga que também era um ótimo esconderijo. E quando nos achavam, corríamos pela rua só para não ser pegos (Impressionante como o medo nem existia no coração de uma criança, porque brincar no escuro, no meio da mata, é muita coragem).

Dentre muitas outras brincadeiras, como casinha, mamãe e filhinha, pega-pega, pique-esconde, o mais impressionante disso tudo era que não importava a brincadeira. O importante mesmo era que todos os primos estavam juntos. Todo santo dia, o ponto de encontro era na casa da minha avó, sem exceção. Ir a pé na sorveteria, voltar tarde da noite, gritando, brincando, tocando a campainha das casas e saindo correndo; qualquer lugar a gente conseguia fazer ser memorável.

JOYCE EMANUELE OLIVEIRA SILVA

Em um certo dia de infância, daqueles que nos fazem rir no futuro, eu e mais três super amigas – minha irmã Gaby, Kel e minha xará Joycinha – éramos muito aventureiras e adorávamos um bom desafio. Nesse dia, o sol estava escaldante, mas nada seria suficiente para nos impedir. Nos encontramos para mais uma jornada aleatória que prometia muita diversão. Sempre íamos muito preparadas, com uma arma muito estimada e poderosa, pelo menos para nós: a temível faquinha de serra, nossa proteção contra os desafios que pudéssemos encontrar.

Perto da nossa casa, havia um córrego, mais conhecido como "Barrocas do Esgotinho", porque não era muito bonito, especialmente nos tempos de seca. Mas, mesmo assim, era o cenário perfeito para nossas investigações. Então, naquele dia, fomos até as margens do córrego, à procura do desconhecido, sem rumo certo, apenas indo. Mas, em um determinado momento, nos deparamos com uma grande ameaça.

Era um ser com uma casca muito dura e era lento, mas havia uma lenda sobre ele que nossas avós nos contavam, sobre a mordida que era extremamente dolorosa e durava até que um trovão estrondasse por perto, pois esse era o único som que ele temia. Minha amiga mais experiente dizia que o nome daquele ser era cágado, mas para mim, ele era uma tartaruga, já que eram bem parecidos, então fazia sentido confundir. Decidimos seguir adiante, evitando passar perto do cágado para não correr o risco de ficarmos presas a ele.

Continuamos nossa jornada, desbravando cada centímetro daquela flora, que, embora não muito diversa, tinha suas pérolas: flores que não se podiam ver em um dia comum. Coletávamos, brincávamos e avançávamos cada vez mais fundo na nossa "floresta", até que... ouvimos um barulho de movimento. Não era o som de pessoas ou algo que conhecíamos, parecia um rastejo. Uma de nós, a mais desconfiada, Joycinha, avistou o que causava aquele barulho: uma cobra na beira do córrego, e gritou em alto e bom som:

-É uma cobraaa!!

Antes que ela terminasse de falar, já estávamos todas correndo para longe daquele lugar. Eu não cheguei a avistar o bicho, mas, pela descrição do movimento, parecia

ser pequena. Mesmo assim, não daríamos chance para ela se aproximar. Em questão de segundos, estávamos a salvo na casa de nossas amigas. Rimos e conversamos até altas horas sobre aquela bela e perigosa aventura.

APÊNDICE B – ROTEIRO

ROTEIRO Nanda e as Pequenitas: As lágrimas de lati

Ato I - O Chamado I A recusa do chamado I Passagem pelo primeiro limiar I

Página 1: O acidente.

Painel 1: (Carro mostrando dentro Família) Nanda e sua família estão no carro voltando para casa.

Painel 2: (Exterior rua, mostrando pára-brisa) Chuva forte batendo no para-brisa.

Painel 3: (Cena com o pai de Nanda)

Pai de Nanda: A estrada está perigosa...

Painel 4: (Perdendo o controle do carro) O pai de Nanda perde o controle do carro.

Painel 5: (Mostra exterior carro derrapando) O carro começa a derrapar

Painel 6: (Mostra exterior carro dentro do rio) O carro cai no rio.

Painel 7: (Com água entrando dentro do carro) Nanda tenta acordar o pai desmaiado enquanto o carro afunda cada vez mais.

Nanda: Pai! Acorda! Por favor!

Painel 8: (Dentro da água) Nanda começa a perder o ar e desmaia.

Painel 9: (Fechando os olhos) Ela fecha os olhos

Painel 10: A cena escurece.

Página 2: Em casa.

Painel 1: (Quarto) Nanda acorda desesperada, relembrando do acidente em seus pesadelos.

Painel 2: (Quarto) Olhando pela janela, ela parece triste e pensativa.

Painel 3: (Sala) Ela anda para a sala para tomar seu café enquanto uma notícia passa no jornal.

Painel 4: Nesse momento suas amigas batem na porta.

Painel 5: (Meninas na porta)Três meninas entram pela porta.

Terezinha: Chegaaamos! Já começou o desenho?

Duda: Terezinha! Fala bom dia primeiro!

Lara: Bom dia Nanda!

Painel 6: (Mostra Nanda)

Nanda: Bom dia Lara, Terezinha e Duda! Ainda não começou, tá passando o jornal.

Painel 7: (Televisão)

Televisão: O Rio São Francisco é mostrado em uma cena, visivelmente seco.

Página 3: O mito do Rio São Francisco.

Painel 1: (Mostra Terezinha) Terezinha então lembra de algo.

Terezinha: Meninas descobri algo que vocês vão ficar doidinhas, um lugar onde a gente pode investigar! A minha “vovózita” me contou sobre o mito do São Francisco!

Painel 1: (Mostra Terezinha) Terezinha então lembra de algo.

Terezinha: Ela disse que há um tempo distante existia um casal indígena que se amava

Painel 2: (contando a história) Iati e seu noivo juntos.

Terezinha: Iati era noiva de um forte guerreiro!

Painel 3: (contando a história) Iati e seu noivo se separando.

Terezinha: Um dia ele teve que ir para a guerra

Painel 4: (contando a história) Iati chorando na beira de uma montanha.

Terezinha: Iati desolada se rompeu em lágrimas.

Painel 5: (contando a história) Super-close nos olhos jorrando como cachoeiras.

Terezinha: Dizem que o rio foi formado a partir de suas lágrimas e que ela permanece lá até os dias de hoje derramando as suas lágrimas.

Painel 6: (Terezinha esclarece) Plano médio de Terezinha e Nanda juntas.

Terezinha: Minha “vovózita” disse que tinha um livro de família que falava mais da história, a gente podia ir lá na casa dela pra pegar ele!

Painel 7: (Lara com expressão alegre)

Lara: Ia ser muito legal! Podemos ir!

Página 4: Tentativa de convencer Nanda.

Painel 1 e 2: (sequência de mudança de expressão) Os olhos dela brilham por um momento, mas logo se apagam.

Painel 3: (Com cara triste) Close em Nanda com uma feição entristecida.

Nanda: Eu acho que não consigo dessa vez, a casa da sua avó fica do outro lado do rio...

Painel 4: (Mostra as meninas tristes)

Painel 5: (Lara toca nos ombros de Nanda em consolo)

Painel 6: (Lara com a mão no ombro de Nanda a consola)

Lara: Eu também já passei por isso, se lembra?

Painel 7: (Lara mostrando a perna com uma cicatriz.)

Lara: Prometo que a gente não vai entrar em água nenhuma! Eu nem posso mesmo, não consigo nadar direito com essa perna.

Painel 8: (Nanda com cara triste)

Nanda: Vou pensar Lara! É difícil pra mim depois do acidente no rio.

Painel 9: (Nanda aponta para tela enquanto Lara olha pra ela)

Nanda: mas agora, olha, vamos assistir o desenho, já começou!

Página 5: O sonho de Nanda

Painel 1 e 2: (Balão acima anunciando o fim do dia) Já é noite e Nanda está na sala assistindo TV quando começa a dormir no sofá.

Painel 3: (Lugar com uma cachoeira e Nanda em pé de frente a cachoeira)
Ela está de frente para uma cachoeira e de repente escuta um choro.

Painel 4: (Dentro de uma caverna com uma mulher ajoelhada) Agora ela está dentro de uma caverna e vê uma mulher que estava chorando.

Nanda: O que aconteceu?

Painel 5: (Mulher rompendo em lágrimas)

Homem: Roubaram as lágrimas do meu amado...

Painel 6: (uma lágrima pinga no escuro)

“VOZ”: Nanda acorda ...

Página 6: Decisão de Nanda e preparação para a aventura

Painel 1: (no sofá) A mãe de Nanda a acorda, a garotinha havia adormecido no sofá..

Mãe de Nanda: Óia que sono pesado filha! Eu falei pra você se deitar mais cedo! Você dormiu na sala!
Seu pai já foi trabalhar!
Eu sei que você tá de férias, mas acorda e vai tomar café!

Painel 2: (sentadas na mesa)

Mãe de Nanda: (preocupada) Filha, A Duda estava me contando que você não quis sair com elas ontem.
Nanda: (Decidida) Decidi sair com elas hoje

Painel 3: (mãe feliz com a notícia)

Mãe de Nanda: (Sorrindo) Finalmente filha! Vai ser muito bom pra você!

Painel 4: Nanda feliz com sua mãe.

Painel 5: Terezinha entrando pela porta.

Terezinha: Chegaaamos... bom dia!

Painel 6: Quando Lara percebe a bolsa, dá um sorriso.

Lara: Você decidiu ir Nanda?

Painel 7: (Lara abraça Nanda enquanto as meninas sorriem)

Nanda: Eu decid...
Terezinha: Finalmente as pequenitas todas juntas novamente em uma nova aventura!

Página 7: A passagem.

Painel 1: (Duda carregando Terezinha na bicicleta, enquanto Nanda carrega Lara)

Terezinha: Vamos pra casa do Tio João ele vai levar a gente na casa da Vovózita!

Painel 2: Exterior perto de um barco à margem do rio, o tio João está sentado no barco, com a mão no queixo, olhando tristemente para o rio baixo.

João: O rio está cada vez mais seco...

Painel 3: As meninas correm animadas em direção ao Tio João.

João: bom dia pro cês!

Terezinha: Bom dia, tio João, queremos atravessar para a casa da Vovózita! Você leva a gente?

Painel 4: Tio João ergue a cabeça e exclama.

Tio João: Levo sim filha!

Painel 5: Nanda olha pra água meio sem graça e com medo.

Painel 6: Duda com a mão erguida.

Duda: Vamos juntas, Nanda. Prometo que vai dar tudo certo.

Painel 7: Nanda pega a mão de Duda e entra no barco, mais confiante.

Página 8: Casa da avó de Terezinha

Painel 1: Chegando à casa da avó de Terezinha (o avô está sentado à porta com uma garrafa de café e uma caneca)

Terezinha: oi vovô, bença! onde tá a vovózita?

Avô de Terezinha: bença minha filha, sua avó tá lá dentro.

Painel 2: Dentro da casa, a avó de Terezinha está na sua cadeira habitual.

Terezinha: Bença vovózita!

Avó de Terezinha: Bença minha filha! Olha só Nanda você veio também, que bom ver você!

Painel 3: Nanda sorridente.

Painel 4,5: Vovózita e Nanda conversando frente a frente.

Terezinha: Vó, lembra daquele livro que você tinha me falado. A gente tava querendo ver ele.

Vovózita: Ah, sim, minha filha, eu o achei!

Quadro 6: (no livro está escrito “Por meio do rio”) Ela pega o livro.

Página 9: Por meio do rio.

Painel 1: Ela então abre o livro e mostra a história do Rio São Francisco, apontando para uma cachoeira ilustrada no livro.

Vovózita: Aqui está a Cachoeira das Almas. Minha avó dizia que a estátua estava por lá.

Painel 2,3: Foco mais amplo mostrando Terezinha e a Avó.

Terezinha: Vovózita você me empresta o livro, a gente vai ler ele lá fora.

Vovózita: Pode levar, toma cuidado pra não rasgar!

Painel 4: No lado de fora, debaixo de uma mangueira, todas reunidas.

Painel 5: Terezinha lendo o livro

Terezinha: Eu sei onde é essa cachoeira! É bem aqui perto, podemos ir de boa.

Painel 6: Na entrada da trilha todas meninas se encontram.

Terezinha: A trilha começa aqui, a gente consegue chegar na cachoeira das almas por ela.

Painel 7: Duda adverte.

Duda: Temos que nos manter juntas na trilha!

Página 10: A Cachoeira das Almas.

Painel 1,2 e 3: As meninas partem para a cachoeira, entrando e subindo pela trilha. Vemos o fim da trilha para a cachoeira, as meninas estão saindo em direção a ela.

Terezinha: (sorrindo) Estamos quase lá!

Painel 4: Terezinha avista a cachoeira

Terezinha: (sorrindo) É ali meninas!

Painel 5: Todas as personagens estão em cena de frente a cachoeira.

Painel 6: Nanda começa a ver o livro.

Terezinha: Aqui é a Cachoeira das Almas, mas onde será que está essa estátua?

Painel 7: Nanda e Terezinha conversam

Nanda: Posso ver o livro?

Terezinha: vê aí.

Painel 8: Então Nanda pega o livro para rever as imagens. Nele, havia a imagem da estátua de uma mulher

Painel 9: Então a Nanda lembra do seu sonho. Então ela pensa.

Nanda: (pensamento) Essa imagem me lembra daquele sonho...

Painel 10: Nanda falando

Nanda: E se estiver dentro da cachoeira? Tenho uma sensação de que há algo lá dentro

Nanda: Pode ter alguma abertura em baixo pra dentro montanha da cachoeira

Página 11: O segredo da Cachoeira das Almas.

Painel 1: Mostrando Duda

Duda: (determinada) Interessante, podemos tentar procurar.
quem quer vim comigo?

Painel 2: Terezinha parece empolgada e prontamente levanta a mão, no entanto, Nanda e Lara estão severamente sérias.

Terezinha: eu quero!

Nanda e Lara dizem juntas: Eu tô fora!

Painel 3: Duda não parece nada desencorajada com a recusa das amigas, pelo contrário, prontamente se direciona a Terezinha.

Duda: Não vale insistir né, então vamos Terezinha!

Terezinha: Ebaaa!

Painel 4: Duda e Terezinha a beira rio

Terezinha: será que tá frio?

Painel 5: Terezinha dentro da água

Terezinha: tá frio sim!

Painel 6: Duda e Terezinha mergulham à procura de alguma abertura.

Painel 7: Duda encontra uma abertura com uma luz vinda de dentro, e aponta para Terezinha. Elas ficam perplexas sem saber por que haveria uma luz ali.

Painel 8: Elas passam pela abertura.

Página 12: A caverna de Iati.

Painel 1 e 2: A passagem não é tão curta demora um pouco pra chegar do outro lado. O quão mais próximos elas ficam do outro lado, mais a luz brilha.

Painel 3: Elas entram na caverna e se deparam com um local com grandes pedras luminosas no teto, com um monte logo à frente, em cima desse monte há uma estátua ajoelhada com água fluindo dos olhos.

Painel 4: Terezinha animada logo abre a boca no intuito de dizer algo.

Terezinha: (sussurrando) Olha só! A estát-

Painel 5 e 6: Duda logo fecha a boca de Terezinha porque escuta vozes, ela então aponta para cima.

Página 13: Os intrusos na caverna.

Painel 1: Duda e Terezinha observam as três pessoas perto da estátua, dois homens e uma mulher.

Painel 2: Terezinha, espreme os olhos para tentar ver melhor.

Terezinha: Não consigo ver daqui

Painel 3: querendo saber mais, desviou da mão de Duda e foi ver o que eles estavam fazendo.

Duda: Espera Tereza, pode ser perigoso!

Painel 4: Terezinha se esconde atrás de uma pedra mais à frente.

Painel 5: Os homens estavam escavando o que parecia ser um grande diamante.

Capanga 2: Esse tá demorando tirar!

Painel 6: De repente, a caverna tremeu.

Painel 7: O homem que estava ao lado reclama.

Capanga 1: Ei! Cuidado na hora de tirar a pedra, pode desabar tudo, não quero morrer aqui!

Painel 8: Duda se esgueira até Terezinha e sussurra:

Duda: O que está acontecendo?

Terezinha: Parece que eles estão removendo aquele diamante da estátua.

Painel 9: O homem comemora sua conquista.

Capanga 2: Finalmente consegui!

Painel 10: O diamante é mostrado na mão do homem.

Painel 11: A água da estátua após o diamante ser retirado começa a diminuir, as meninas observam de longe percebendo o ocorrido.

Página 14: Saindo da caverna.

Painel 1: Os estranhos analisam o diamante que o homem retirou.

Painel 2: A mulher então apontando para o diamante.

Mulher: Guarde isso e vamos embora, quero descansar.

Painel 3: Duda se alerta.

Painel 4: Close em Duda, sua face está em alerta, Duda pegando a mão de Terezinha

Duda: (sussurrando) Temos que sair daqui!

Painel 5: Elas afundam na água para sair da caverna.

Painel 6: Retornando para junto das outras meninas. Nanda e Lara ficam espantadas porque Duda estava com uma cara de medo.

Duda: se escondam meninas!

Painel 7: Elas se escondem atrás de um arbusto grande que havia ali.

Nanda: (sussurrando) O que aconteceu?

Duda: (silenciando Lara) Shii! Depois explicamos

Painel 8: As pessoas saem da água.

Painel 9: Enquanto isso Terezinha atrás do arbusto.

Terezinha : São eles!

Página 15: Seguindo.

Painel 1: A mulher e os homens entram em uma trilha

Painel 2: Elas juntas observam os homens e a mulher entrando numa trilha.

Terezinha: (sussurrando) Precisamos seguir eles!

Painel 3: Então Terezinha começa a segui-los e as meninas vão atrás se esgueirando pela mata.

Painel 4: As meninas observam escondidas para onde eles estão indo, enquanto os observados continuam sua caminhada pela trilha.

Painel 5: As meninas observando vêem que eles entram em um local que parece o fim da trilha.

Painel 6: Os intrusos chegam em um acampamento.

Painel 7: as meninas se escondem e observam.

Duda: Deve ser aqui o esconderijo deles.

Página 16: A transformação.

Painel 1:No acampamento

Capanga 2: Já está na hora?

Painel 2, 3 e 4: Logo ao entardecer algo inesperado acontece. A mulher que estava com eles, começou a se transformar, e, de repente, ela virou uma cobra, com fogo saindo de suas costas.

Painel 5: Lara ao ver isso solta um grito abafado.

Lara:(grito)Aaaaaaahhh....

Painel 6: A cobra percebe o barulho estranho

Cobra: (ouvindo) quem está aí?

Painel 7: As meninas começam a correr

Painel 8: a cobra começa a persegui-las ao longe.

Página 17: Escondidas na floresta.

Painel 1: As meninas se escondem atrás de uma elevação de mata.

Painel 2: A cobra não as achando enquanto vasculha em meio a mata.

Painel 3 e 4: As meninas quase sem respirar continuam escondidas, quando Terezinha espia para ver onde está a cobra ela percebe a criatura indo para longe delas.

Painel 5: Ainda às escondidas todas discutem.

Terezinha: (sussurrando) É a nossa chance! Ela está longe.

Nanda: (aliviada) Vamos, rápido! Precisamos chegar à casa da sua avó!

Painel 6 e 7: Duda concorda e juntas correm para mais longe, a caminho da casa da avó de Terezinha.

Painel 8: Juntas conseguem escapar da cobra e chegar na casa da avó de Terezinha, lá elas vão direto para o quarto da menina.

Página 18: De volta a casa de Vovózita.

Painel 1: Mostra frente da casa da Vovózita

Painel 2: Todas as meninas chegam a casa da Vovózita após escaparem da Mulher-Cobra

Nanda: Conseguiamos!

Terezinha: Vamos pro quarto, temos muito o que falar.

Painel 3: Quarto da Terezinha, todas se encontram juntas discutindo sobre o recente ocorrido.

Terezinha: (determinada) Precisamos... fazer alguma coisa!
Eles vão ...acabar com o rio!

Painel 4: Mostra Terezinha determinada.

Terezinha: (determinada) Temos que pegar aquele diamante de volta, você viu Duda... o que aconteceu... com a estátua depois... que eles pegaram... o diamante?!

Painel 5: Duda e Nanda comentam sobre o que viram.

Duda: (séria) Eu vi! Precisamos pensar em um plano
.Lara: (repugnada) Mas como vamos fazer isso?
aquela cobra...

Painel 6: Todas olham para Nanda, esperando uma ideia.

Nanda: Porque vocês estão olhando pra mim?

Terezinha: Você sempre tem os melhores planos.

Painel 7, 8 e 9: Uma batida na porta interrompe a conversa.

Vovózita: (abrindo a porta) Meninas, Eu vi que chegaram. Vocês se divertiram? Querem um chazinho para dormirem bem?

Terezinha: (mentindo) Sim foi bem divertido! Não precisa vovózita, já estamos indo dormir, obrigado!

Vovózita: Ta bom minha filha! Qualquer coisa que vocês quiserem é só me pedir

Página 19: A ideia.

Painel 1: Nanda pensando em uma estratégia, ela fica com a palavra chá que a avó da Terezinha havia mencionado na cabeça.

Painel 2: De repente Nanda tem uma ideia.

Nanda: (inspirada) Chá, é isso!

Painel 3: Nanda então esclarece a ideia que teve:

Nanda: (explicando) A vovózita da Terezinha faz um chá de Mulungu, vocês lembram?

Painel 4,5: Nanda e Lara afirmam sobre essa possibilidade.

Lara: (esperançosa) É verdade! Esse chá é forte, lembro até hoje quando o Tio João confundiu com quentão e tomou um tanto, dormiu quase o dia todo!

Nanda: Sim, ele pode servir como um sedativo!

Painel 6: As meninas confirmam o novo plano decididas.

Nanda: (decidida) É isso! Vamos usar o chá!

Lara: (confirmando) OK!

Duda: (confirmando) que eu me lembre! Vai da certo!

Terezinha: (sorrindo) Fechado! Vamos acabar com isso!

Painel 7: Um galo canta, anunciando um novo dia.

Painel 8: No outro dia as pequenitas colocam o chá preparado em uma garrafa.

Página 20: Executando o plano.

Painel 1: Mostra acampamento.

Painel 2: Chegando no acampamento às escondidas.

Terezinha: (sussurrando) Está vazio!

Duda: (em tom baixo) Vamos rápido. Precisamos achar algum lugar para colocar o sonífero.

Painel 3: As meninas se aproximam do acampamento

Painel 4: Nanda acha o filtro de barro.

Terezinha: (sugestão) Aqui é um ótimo lugar! Vamos colocar o chá aqui dentro!

Painel 5: Esvaziando a dose de Mulungu no filtro de barro.

Painel 6 e 7: Depois voltam a se esconder aguardando até que eles voltem.

Terezinha: (afirmando) Agora é só esperar!

Painel 8: Os ladrões voltam, conversando e se vangloriando.

Capanga 2: (vangloriando) Esse diamante de agora foi bem grande!

Painel 9: Capanga mostra um diamante do tamanho da mão dele.

Painel 10: Os antagonistas entram na cabana e saem com suas garrafas de água bebendo a água “batizada”.

Capanga 1: Você guardou o diamante na bolsa?

Capanga 2: Guardei sim! Tá lá dentro!

Painel 11: Capanga 1 bebendo da garrafa.

Painel 12: Meninas observando a espreita.

Página 21: O sono.

Painel 1: Eles se sentam em uns troncos em volta do acampamento e começam a conversar.

Mulher Cobra: Finalmente estou conseguindo lágrimas suficientes para uma vida duradoura.

Capanga 1: Nem sei como isso funciona pra você, só sei que vamos ficar muito ricos!

Painel 2: A mulher-cobra boceja.

Mulher-cobra: Meninos irei dormir, sono de beleza.

Painel 3 e 4: Os dois homens começam a rir. Então a mulher se retira para dormir. Percebendo, um deles boceja.

Capanga 2: Bateu um soninho também vou cochilar um pouco.

Capanga 1: Eita, que vou também, hein.

Painel 5: Os dois se deitam para dormir.

Painel 6: as meninas percebem que eles dormiram.

Duda: Todos dormiram, é a nossa hora!

Painel 7: Nanda precavida pega uma pedra.

Nanda: Vamos verificar primeiro se eles estão dormindo.

Painel 8: Nanda lança uma pequena pedra em um deles, que cai em cima de um, mas ele não se mexe.

Painel 9: Nanda pega algumas cordas.

Nanda: (sussurrando) Ele nem se mexeu! Vamos amarrar eles, só para garantir.

Painel 10: Então juntas as meninas amarram os homens.

Página 22: A corrida contra o tempo.

Painel 1: Nanda pegando a bolsa dos diamantes.

Nanda: (pensativa) Deve ser essa bolsa!

Painel 2: Abrindo a bolsa ela verifica os diamantes na bolsa.

Nanda: (feliz) É essa mesmo!

Painel 3: Nanda apressa as meninas.

Duda: (apreensiva) Temos que ir antes que fique tarde demais!

Painel 4: Elas chegam à cachoeira das almas.

Painel 5: Chegando na beira da cachoeira, Duda já sabendo das condições de Nanda e da Lara, diz:

Duda: Eu e a Terezinha vamos lá dentro colocar os diamantes no lugar, vocês duas ficam aguardando, vamos colocar rápido.

Painel 6: Terezinha e Duda afundam na água.

Painel 7: Elas conseguem entrar dentro da caverna.

Painel 8: Lá ela tem uma visão melhor de como os diamantes ficam, Terezinha ansiosa já começa a colocar o diamante.

Duda: Olha eles devem ficar nesses espaços vazios.

Terezinha: Vou colocar nesse daqui pra vê.

Painel 9: Assim que Terezinha começa a colocá-lo de volta, a caverna começa a sacudir.

Painel 10: Duda então chama atenção de Terezinha.

Duda: Cuidado! Acho que tem que ser mais devagar.

Duda: Vamos demorar mais do que eu imaginava.

Página 23: A cobra desperta.

Painel 1: Elas começam a colocar cada um mais devagar, sendo assim mais bem sucedidas.

Terezinha: Conseguimos!

Duda: É isso aí! Vamos lá! Ainda faltam mais cinco!

Painel 2: Enquanto isso do lado de fora da caverna, Nanda e Lara estão sentadas.

Painel 3: Nesse momento Nanda percebe uma luz no meio da floresta.

Painel 4: Emissão de uma luz na Floresta.

Painel 5: com um salto conclui que a cobra acordou.

Painel 6: Ela avisa Lara sobre o ocorrido.

Nanda: (olhando para Lara, desesperada) Lara... A cobra acordou!

Precisamos avisar as meninas!

Painel 7: Nanda hesita, olhando para a água.

Nanda: Na verdade, eu preciso ir, não dá pra você ir com a sua perna

Lara: (segurando a mão de Nanda) Você consegue, Nanda. Lembre-se do que é mais importante agora. Eu acredito em você!

Painel 8: Nanda avisa a Lara para se esconder.

Nanda: (determinada) Esconda-se aqui e me espere. Eu volto logo!

Painel 9: Nanda pisa na água

Painel 10: começa afunda na água.

Painel 11: Ela então mergulha.

Página 24: O que é mais importante.

Painel 1: Nanda encontra a entrada assim que afunda na água pela luz que saía dele.

Painel 2: Entrando na abertura ela fecha os olhos e começa a se desesperar.

Painel 3,4,5,6,7 e 8: Nos é mostrado cenas de Nanda no carro, uma visão embaçada do dia do acidente.

Painel 9, 10 e 11: Então ela começa a se lembrar do que realmente importava que era salvar as amigas, o rosto de Duda, Lara e Terezinha, aparece em suas lembranças..

Painel 12: Ela então abre os olhos, recobrando a consciência.

Nanda: (pensando, enquanto nada) Eu preciso fazer isso! Eu consigo!

Página 25: Pense rápido.

Painel 1: A intensidade da luz começa a aumentar, revelando a saída.

Painel 2: Ela então emerge dentro da caverna. A primeira coisa que viu foram os reflexos de luzes que reluziam dos cristais no teto da caverna, deslumbrada pelo que tinha conquistado.

Nanda: (maravilhada) uaaaauuu!

Painel 3: Então ela procura suas amigas e vê que elas estão lá em cima.

Nanda: (afirmando) Elas estão lá em cima! Preciso subir.

Painel 4: Enquanto isso Terezinha está colocando o diamante e Duda espera Nanda apreensiva.

Terezinha: (curiosa) O que será que aconteceu?

Nanda: (ofegante) Eu não sei, mas pra Nanda ter entrado no rio coisa boa não é.

Painel 5: Chegando ao topo.

Nanda: (ofegante) A cobra acordou! Acho que ela está vindo para cá!

Painel 6: Duda se assusta.

Duda: (assustada) O céus!

Painel 7 e 8: Terezinha se distrai com a fala e pressiona um pouco mais rápido o diamante. A caverna começa a tremer.

Painel 9: Nanda sem saber o que aconteceu após o tremor.

Nanda: (assustada) O que foi isso?!

Painel 10: Duda responde a Nanda.

Duda: A caverna treme quando colocamos o diamante muito rápido.

Painel 11: Então Nanda tem uma ideia.

Nanda: (inspirada) É isso, tive uma ideia!

Página 26: Preparando para pular.

Painel 1: Nanda aponta na direção de um diamante.

Nanda: (determinada) Vamos colocar os últimos diamantes o mais rápido possível.

Painel 2: Mostrando um dos diamantes.

Painel 3,4 e 5: Conversa entre Nanda e Duda.

Nanda: Vamos colocar quando a cobra estiver subindo, depois vamos pular daqui de cima na água

Duda: Você tá doida Nanda, isso vai fazer com que a caverna desabe!

Nanda: Esse é o plano, por isso vamos pular daqui de cima! Vamos ganhar tempo suficiente para escapar antes que desabe tudo!

Painel 6: Duda segurando um diamante.

Duda: É uma ideia meio louca, mas se essa é sua ideia, eu confio em você!

Painel 7: Não demora muito e a cobra emerge d'água

Mulher-cobra: HÁ! Achei vocêssss pestinhas!

Painel 8: As meninas em cima se preparam.

Nanda: Se preparem!

Painel 9: A cobra começa a subir a plataforma.

Mulher-Cobra: Vou devorar todas devagar! Não há mais esssscapatória!

Painel 10: Nanda então começa uma contagem.

Nanda: No três meninas! 1...2...

Página 27: A fuga.

Painel 1: A cobra chega ao topo.

Painel 2: Então Nanda prossegue a contagem.

Nanda: ...3, agora!

Painel 3: Elas então apertam os diamantes.

Painel 4: Com a caverna tremendo, elas correm e pulam na água.

Painel 5: As meninas nadam rápido pela saída.

Painel 6: A cobra afunda atrás delas.

Painel 7: A criatura estava atrás delas.

Painel 8: Nanda então olha pra trás e percebe a cobra nadando em encontro a ela.

Painel 9: elas então se encontram perseguidas pela mulher-compra.

Painel 10: Enquanto isso uma rocha começa a se rachar em cima.

Página 28: Uma ajuda da Iati

Painel 1: A pedra se desloca do teto.

Painel 2: E começa a despençar.

Painel 3: A cobra se espanta com a rocha despencando.

Painel 4: A rocha cai em cima da cobra

Painel 5: Com o barulho, Nanda olha para trás.

Painel 6: Então a Iati aparece.

Iati: Obrigado por recuperar as minhas lágrimas!

Painel 7: Do lado de fora Lara ouve o barulho e se assusta.

Painel 8: Um movimento começa na água.

Painel 9: Duda e Terezinha emergem da água.

Painel 10: Terezinha então procura Nanda.

Terezinha: Cadê a Nanda?! Ela estava logo atrás de mim!

Página 29: O reencontro.

Painel 1: Mostra o rio.

Painel 2: Então Nanda emerge na água.

Painel 3: Lara começa a chorar de felicidade.

Painel 4: Lara inconsequentemente entra na água e Duda logo corre pra pegar ela.

Duda: Lara sua perna! A cobra pode estar viva ainda!

Painel 5: Nanda então comenta o que aconteceu com a mulher-cobra.

Nanda: As pedras caíram em cima da cobra, eu vi!

Painel 6: A Duda então segura o braço da Lara.

Duda: vem cá, Eu te ajudo!

Painel 7: Elas se abraçando dentro d'água aliviadas, chorando e rindo felizes.

Painel 8: A Terezinha sorrindo.

Terezinha: (feliz) Vamos pra casa da Vovózita!

Painel 9: Elas chegam a casa e a vovózita estava aguardando-as com um olhar bravo, logo que as viu, esbravejou com elas.

Vovózita: (esbravejando) Onde vocês estavam? ces quê me matar de coração! Só pode!

Página 30: A benção última.

Painel 1: Terezinha vendo a avó fica muito feliz.

Painel 2: Terezinha então corre pra abraçar a Vó.

Painel 3: Terezinha agora abraça a avó, que fica espantada pelo gesto.

Terezinha: (abraçando a vovó) Salvamos o Rio São Francisco, Vovózita!

Vovózita: (ainda brava) Ai, menina... Deixa de graça. Tá na sua hora de dormir, vamo tudo pra cama! Já tá tarde!

Painel 4: (No outro dia) as meninas estão tomando café da manhã.

Nanda: Esse pão de queijo tá bom demais!

Vovózita: Aproveita que tá quentinho.

Painel 5: O noticiário na TV anuncia a elevação do Rio São Francisco.

Noticiário: Agora uma grande notícia! Houve um aumento no nível de água no Rio São Francisco.

Painel 6: Terezinha aponta empolgada para a televisão.

Terezinha: (empolgada) Vovózita, olha só! Viu é verdade eu te disse que salvamos o rio!

Painel 7: A avó sem entender o que a neta estava falando.

Vovózita: (Sem jeito) Ah, pare de graça menina!

Painel 8: Todas riem juntas, felizes com a aventura e o que conquistaram.
